



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES

CARMEN MARIA BRAGANÇA DE SOUZA MACHADO

OLHANDO PRO MURO, ENXERGUEI O MUNDO!



UMA VISÃO SOBRE A POÉTICA
DE QUATRO GRAFITEIROS
DO COSP TINTA CREW

BELÉM - PARÁ
2015

CARMEN MARIA BRAGANÇA DE SOUZA MACHADO

OLHANDO PRO MURO, ENXERGUEI O MUNDO!

Uma visão sobre a poética de quatro grafiteiros do Cosp Tinta Crew.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de Mestre em Artes.

Linha de Pesquisa: Trânsitos e Estratégias Epistemológicas em Artes nas Amazônias.

Orientador: Prof. Dr. Luizan Pinheiro da Costa.

BELÉM – PARÁ

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPa

Machado, Carmen Maria Bragança de Souza, 1966-
Olhando pro muro, enxerguei o mundo! uma visão sobre
a poética de quatro grafiteiros do cosp tinta crew /
Carmen Maria Bragança de Souza Machado. - 2015.

Orientador: Luizan Pinheiro da Costa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2015.

1. Grafite. 2. Poética. I. Título.

CDD 23. ed. 751.53



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos vinte e nove (29) dias do mês de Junho do ano de dois mil e quinze (2015), as dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência do orientador professor doutor Luizan Pinheiro da Costa ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de **Carmem Maria Bragança de Souza Machado**, Intitulada: **OLHANDO PRO MURO, ENXERGUEI O MUNDO! Uma visão sobre a poética de quatro grafiteiros do Cosp Tinta Crew**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Luizan Pinheiro da Costa, da Universidade Federal do Pará, Alexandre Silva dos Santos Filho da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, e Célia Maria Antonacci Ramos, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Dando início aos trabalhos, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa, passou a palavra à mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito **Excelente**, com distinção, com exigência de ajustes pontuais. Esta aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 29 de Junho de 2015.

Prof. Dr. Luizan Pinheiro da Costa

Profa. Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho

Prof. Dra. Célia Maria Antonacci Ramos

Carmem Maria Bragança de Souza Machado

A segurança que eu preciso a cumplicidade que dividimos, o amor que me dão a amizade que me sustenta. Tudo isso tenho com vocês.

Minha família!

Para meu filho Matheus, por ser meu melhor amigo, me fazer ser exemplo e me dar força para realizar sonhos.

Para meu marido Jorge, pelo seu amor e companheirismo nas horas (in)certas e compreensão dos momentos tranquilos e tensos. Além das massagens nas pernas e coluna nas noites de cansaço, com um carinho cuidadoso de quem ama.

Para minha Mãe (in memoriam) por ser modelo de perseverança e luta dos ideais. E ao meu Pai, em especial, por dividir as dúvidas nas horas da escrita e das leituras e principalmente por acreditar na minha capacidade de superar as dificuldades.

Para minhas irmãs pela força, mas em especial para Ana Cláudia pelas correções e apoio nas horas que mais necessitei.

Para meus manos, George, Marcelo Bokão, Fábio Graf e Edpaulo que me permitiram conhecer seu universo, de uma forma linda e gratificante. Em especial ao Edpaulo que foi mais que um amigo, um verdadeiro mano nos momentos de criação destas escritas pois foi o responsável, junto comigo, pelo projeto gráfico desta dissertação.

Para minha amiga Luciana Porto, companheiras nas aulas e discussões acadêmicas, nas horas das dúvidas e complementações das escritas e principalmente pelos lanches gostosos que me deixavam mais feliz e gorducha.

Para meu amigo Paulo Santana, por sua dedicada amizade, preocupação e energia para que tudo ocorresse bem. Um amigo reencontrado, mas que a cada dia toma conta de meu coração.

Para meu amigo Jaddson Silva, por ser amigo nas horas exatas e complemento fundamental nas dúvidas acadêmicas. Por suas trocas espontâneas e indicações literárias precisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Luizan Pinheiro por sua (des)orientação, por me deixar livre e poder seguir minha pesquisa no ritmo que sonhei. Apesar das dúvidas que passei, sempre estive por perto para dar o suporte necessário e auxiliar nos caminhos da escrita.

Agradeço aos colegas da turma de 2013, pela confiança de me elegerem representante da turma e pelos momentos gratificantes que passamos juntos. Em especial aos amigos que surgiram nestes anos de escritas.

Agradeço aos Professores que nos mostraram caminhos a seguir e nos deram dicas de como superar as dificuldades de ser um pesquisador nas trilhas que atravessam a arte e a ciência.

Agradeço aos técnicos do PPGARTES, em especial à Wânia, que sempre tirou minhas dúvidas, me orientou nas burocracias que enfrentei como representante de turma e puxou minha orelha nos momentos necessários (rsrsrs)

Agradeço o apoio técnico de Michel Ângelo Novo, pelo carinho que realizou o vídeo que conta a história dos quatro manus do Cosp Tinta Crew.

Agradeço a amizade de Nadiara Vidal, que mesmo em momentos de sufoco, realizou com maravilhoso profissionalismo o Abstract desta dissertação.

Agradeço a CAPES, pelo apoio ao curso e pela bolsa de estudos que me permitiram investir nos livros, textos e na produção desta dissertação.

Finalizo agradecendo a Deus, o Grande Arquiteto do Universo, Grande Artista que nos faz criativos e únicos, pois é sua energia que nos permite transformar este planeta em um mundo melhor.

Ah, o que escrevi na mesa e no muro.
Com coração de tolo e mão de tolo.
Não deveria me ornar a mesa e o muro?

Mas vocês dizem: “Mãos de tolo suja –
E deve-se limpar a mesa e o muro
Até que o último traço desapareça!”

Permitam-me! Quero ajudar –
Aprendi a manejar vassoura e esponja,
Como crítico e aguadeiro.

Mas, o trabalho terminado,
Bem gostaria de vê-los, super sábios,
Cobrir mesa e muro com sua sabedoria de m....

Tolo em desespero (Nietzsche, Friedrich)

RESUMO

BRAGANÇA. C. M. S. M. **Olhando pro muro, enxerguei o mundo! Uma visão sobre a poética de quatro grafiteiros do Cosp tinta Crew.** 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes. Instituto de Ciência da Arte, Universidade Federal do Pará. Belém – 2015.

Olhando pro muro, enxerguei o mundo! É assim que começa esta dissertação, uma pesquisa disposta a redescobrir os artistas que se inscrevem nas ruas, nos muros-peles de uma cidade-suporte. Quatro grafiteiros do Cosp Tinta Crew, George, Marcelo Bokão, Edpaulo e Fábio Graf, que com suas diferenças, criam espaços nas tramas que se inter cruzam no universo do grafite em Belém do Pará. Descobrir como estes Manus se encontram, se completam e circunscrevem as trilhas poéticas de seus trampos foi um dos objetivos conquistados; constatou-se como o conhecimento artístico/estético ampliou e possibilitou que estes rapazes se descobrissem artistas reconhecidos por seus pares e permitiu a aproximação dos universos das realidades teóricas com as realidades práticas, do ensinar o grafite e viver o grafite. Para tanto ressaltou-se as falas e opiniões dos manus, permitindo com que estes escolhessem as imagens que os representavam e interferissem esteticamente nas inscritas, demonstrando perante a academia e através desta, que estes jovens possuem identidade em seus traços e desenhos, sem a pretensão de decifra-los ou fazer análises sobre os significados de seus trampos. Autores como Jan Christiaan Smuts, com o conceito de olhar holístico; Oswald de Andrade e Michel Melamed, com os conceitos do Manifesto Antropofágico e *Regurgitofagia*; experiência-distante e experiência-próxima, de Clifford Geertz; Leda Guimarães e Romulo Avelar, com seus conceitos da escritas (drawings) em uma dissertação em artes são alguns dos suportes teórico que permitiram o desenvolvimento de uma pesquisa prazerosa e perto da realidade, tanto dos grafiteiros, quanto das escolas em que trabalho como professora de artes. Mas para que esta ponte ocorra é necessário fortalecer a base das crews que se espalham pela cidade e para tanto a academia e suas pesquisas são fontes fundamentais de apoio. Nesses aspectos somos levados a creditar que este trabalho, de caráter acadêmico, não poderá ficar limitado à universidade em um âmbito recolhido. Ele foi realizado com o intuito de uma postura de autor-reconhecimento, abrindo a possibilidade de que os grafiteiros se identifiquem e se aproximem cada vez mais da academia, em trocas constantes.

Palavras-chaves: grafite - poética - vivencias

ABSTRACT

BRAGANÇA. C. M. S. M. **Looking at the wall, I saw the world! An overview about the poetic of four graffiti artists from the Cosp tinta Crew.** 130 f. Dissertation (MA) – Program of Post Graduation in Arts. Instituto de Ciência da Arte (Institute of Arts Science), Universidade Federal do Pará (Federal University of Pará). Belém – 2015.

Looking at the wall, I saw the world! This is how this dissertation starts, a research willing to rediscover those artists who inscribe themselves on the streets, on the skin walls of a supporting city. Four graffiti artists from the Cosp Tinta Crew, George, Marcelo Bokão, Edpaulo and Fábio Graf, those who, within their personal differences, create spaces on the plots which get cross linked alongside the graffiti universe of Belém do Pará. Discovering how those "Manus" (kind of slang among the artists, meaning "Guys") get crossed, completed and inscribe the poetic trails of their jobs was one of the aims reached; it was evidenced how the aesthetic-artistic knowledge enlarged and enabled those lads to be seen as well-known artists by their fellows and allowed the oncoming of the universe of the theoretical realities with the practical reality, from the teaching of graffiti to the living of it. In order to do so, it was needed to highlight the speech and opinions from the "manus", allowing them to choose the images which represented them and interfered in the inscriptions aesthetically, showing to the academy as well as through it, that these youngsters have identity in their traits and drawings, without either the aspiration of decoding them or analyzing the meaning of their "jobs". Authors like Jan Christian Smuts, with the concept of the holistic view; Oswald de Andrade and Michel Melamed, with the concepts of the *Manifesto Antropofágico e Regurgitofagia* (Anthropophagic Manifest and "Regurgitofagia"); distant-experience and close-experience, from Clifford Geertz; Leda Guimarães and Romulo Avelar, with their concepts of writings in a dissertation in Arts are some of the theoretical support which allowed the development of a pleasant research and close to reality, not only to the graffiti artists but also to the schools I work as an Arts teacher. Nevertheless, in order to build up this bridge, it is necessary to fortify the crews' basis which spread throughout the city; the academy and its researches are fundamental support sources in order to do so. In these aspects, we are led to credit that this paper, of academic character, cannot be limited to the university academic range only. It was realized aiming at the posture of author-recognition, enlarging the possibility that graffiti artists identify themselves in it and get closer and closer to the academy, in constant exchanges.

Keywords: graffiti - poetic - experiences

SUMÁRIO

PREÂMBULO. Olhando pro muro, enxerguei o mundo!.....	09
1ª Tela. Sprayando com teóricos: andando nos prazeres das leituras.....	14
• 1º Rolê. Meu olhar holístico descobridor	14
• 2º Rolê. Rizomas antropofágicos regurgitadores	16
• 3º Rolê. A distância que nos aproxima e nos faz um só no caminho da arte.....	19
• 4º Rolê. A poética na escrita e a escrita poética.....	21
2ª Tela. Cidades: um suporte que nos suporta!,	24
• 1º Rolê. Belém, trajeto de uma urbe.....	25
• 2º Rolê. Dos pixos aos grafites na cidade das mangueiras.....	31
3ª Tela-Manus. Sr. Cosp - O agregador.....	37
4ª Tela-Manus. Marcelo Bokão - O estelar.....	63
5ª Tela-Manus. Edpaulo - O batalhante.....	94
6ª Tela-Manus. Fábio Graf - O viajero.....	121
ACABAMENTO. Olhando pro mundo, enxerguei o muro!.....	143
BIBLIOGRAFIA.....	148
GLOSSÁRIO.....	151

OLHANDO PRO MURO, ENXERGUEI O MUNDO!

Nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol
faça do seu olhar imensa caravela!

Receita De Olhar (Poema De Roseana Murray)¹

Olhar o mundo sempre olhamos, mas quando realmente enxergamos? Quando e qual o processo que ocorre que nos faz mudar o modo de olhar? Percebo que a grande maioria passa a vida vendo. Veem a cidade, as ruas, as pessoas, mas realmente não olham suas necessidades, seus problemas, seus dilemas.

Um olhar de caravela significa um olhar inovador, um olhar descobridor, pois em cada rua, cada esquina, cada pessoa existe um universo novo de múltiplas dimensões. Foi com esta necessidade de desamarrar o olhar que iniciei meu caminhar profissional. Sou professora de artes em escola pública, trabalhando com alunos de 6º ano ao ensino médio e perpassando por todas as séries e turmas, descobri universos múltiplos que me permitiram observar a visão que estes alunos possuem sobre suas realidades, cultura e, principalmente, sobre a cidade e o mundo que vivem. Mas, o que me chamou atenção foi como o grafite faz parte da vida de muitos destes alunos. Como é uma linguagem que sempre me identifiquei, resolvi pesquisar mais a fundo e conhecer a natureza que transcorre o universo do grafite. Não queria só conhecer as origens, seu início, onde e como começou, mas sim reconhecer realmente quem produzia, como, porque, quais os caminhos escolhidos e suas práticas. Foi assim que encontrei o Cosp Tinta Crew, quatro *manus* – termo utilizado pelos grafiteiros que significa irmãos, íntimos; identificação na hora! Pura expressão da rua, declarações amazônicas nos traçados, paixões pelo ato do risco, do spray, da

¹ MURRAY, Roseana. *Receita de olhar*. São Paulo, FTD, 1997. p. 44.

tinta. Quatro seres que pensam no outro, na periferia, nas formas de ampliar o conhecimento e auxiliar os jovens que se utilizam destas linguagens/gritos.

George/Sr. Cosp - O agregador, com suas experiências da rua, da sobrevivência, da necessidade física de spray-ar, o que agregava todos os manus em um só universo; Marcelo Bokão - O Estelar, com seus traços especiais, descobrindo no espaço da parede traços siderais, onde o homem possui mil formas, mil gestos, mil falas. Ed Paulo – O Batalhante, aquele que faz o grafite chegar nas escolas, que vai atrás de apoio para a Casa do Grafite, instituição construída com o prêmio do 1º Edital Nacional de Hip Hop Preto Ghoetz , que quer sempre trocar experiências com outros apaixonados pelo risco; Fábio Graf – O Viajeiro, viajando, transformando, encantando com seus traços, com seu olhar pelo outro, pelo próximo, pelo mundo, de uma delicadeza espantosa, verdadeiro arco-íris de emoções; Com suas sensibilidades e criatividade, procuram mostrar que a vida não tem fronteiras, não possuem limites. Quatro manus, todos rizomas em vida, trançados no caos da urbe, tentáculos que possuem direções próprias, mas que se transpassam uns pelos outros e pela cidade que os dá suporte. Descobri que a via que escolhi possui mão dupla, tanto aprendo com eles, como também amplio o universo deles com mais conhecimentos e trocas em longos bate papos.

Depois de muitas pesquisas, percebi que precisava entender o fluxo desta troca, para poder ordenar meu olhar e não atropelar os leitores que por ventura venham a utilizar minha pesquisa como base. Para tanto preciso ser criteriosa, utilizando caminhos “sinalizados”, que me levem a um traçar sem excessos, mas que me permitam espriar nas urbes que são suporte desta arte tão questionadora.

A dissertação, que resultou neste traçar, teve início em 2013, quando me submeti ao processo de seleção ao Mestrado em Artes do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciência da Arte da Universidade Federal do Pará – PPGArtes/ICA/UFPa. Na ocasião concorri à seleção com o projeto “Grafiteiro ou Pixador? A linha dúbia entre arte e vandalismo” na linha de pesquisa Trânsitos e Estratégias Epistemológicas em Artes nas Amazônias.

Quero entender o caminho estético/artístico traçado pelo grupo, relacionando como o conhecimento artístico pode influenciar na transformação do processo de produção do grafite. Uma investigação que demonstre as mudanças que ocorrem em

seus trampos², através de suas histórias de vida, de suas obras pelos muros da cidade de Belém do Pará e de seus atos de criação.

Esta trajetória veio carregada de mudanças que ocorreram após os contatos com eles. Conhecer o mundo em que vivem só me confirmou que em cada grafiteiro existe a rebeldia do pixador, não como evolução, mas como parte integrante de sua existência. Essas trocas foram esclarecedoras, pois descobri uma nova realidade e amizade conquistada nas trilhas desta dissertação que provocaram ampliações em meus questionamentos, tais como a diferença que cada um dos manus, com seus trampos, circunscreve nesta cidade e como a realidade amazônica é demonstrada nos grafites desta crew. Também me fez perceber a importância de ressaltar as falas, opiniões e gestos dos próprios autores porque esta pesquisa possui a necessidade elementar de enxergar nos grafites uma linguagem que fala de vida, pessoas e das cidades escondidas em cada cidade.

Como base epistemológica conheci uma diversidade de autores que me abriram o universo amplo do conhecimento, não que os desconhecessem, mas que foram relidos com outro olhar, com uma amplitude mais específica ou que foram tratados por outros caminhos. Redescobri os conceitos de um olhar holístico, criado por Jan Christiaan Smuts³, permitindo entender como direcionar meu olhar perante o universo dos grafiteiros; compreendi os envolvimentos rizomáticos que Deleuze e Guattari⁴ nos esclarece para perceber existência de relações rebuscada e entrelaçada entre aqueles do grupo de pesquisa; conheci a concepção de *Regurgitofagia*⁵ de Michel Melamed e relatei-a a uma releitura das trocas antropofágicas que Oswald de Andrade conceituou em seu Manifesto Antropofágico. O fato de ser um grafiteiro/artista em uma cidade que os devora e que é devorada; utilizei os conceitos

² O termo trampo é de origem do universo dos grafiteiros e possui o significado de atuação na produção de um grafite.

³³ Em 1926, Jan Christian Smuts descreve o Olhar holístico como uma “tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um “todo” que é maior do que a soma de suas partes”. Este termo vem da palavra “*holos*” que significa “todo”, “inteiro”, “completo” e está ligado principalmente nas filosofias orientais.

⁴ Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari, em sua obra *Capitalismo e Esquizofrenia: Mil Platôs*, nos apresentam a noção de Rizomas como uma translação de possibilidades para o conhecimento e suas multiplicidades.

⁵ Segundo o que Michel Melamed denominou de *regurgitofagia* é o que se “vomita” para ser repensado e deglutido novamente em um processo contínuo, mas que não possui os mesmos resultados.

de experiência-distante e experiência-próxima, de Clifford Geertz⁶, procurando entender o relacionamento que mantive com eles, pois a primeira definição mostrou-me uma relação indiferente e fria e que me fez descartar a possibilidade de mantê-la neste nível. Mas, a segunda elucidação me permitiu conhecer com mais detalhe as suas vidas, suas práticas e técnicas e seu universo social e político como ser cidadão/urbano/artista fazendo assim uma descrição densa⁷ em meu texto.

No trajeto destes caminhos me deparei com a questão prática da formulação de uma dissertação em artes e suas diversas linguagens criativas. Como falar de uma linguagem tão livre e fora de conceitos pré-estabelecidos, como é o grafite, e caminhar nas formas padronizadas de uma dissertação acadêmica? Como conviver de uma forma pacífica com o conflito de construir um texto, com as normativas determinantes de formato, escrita, linha de pesquisa, e as imagens criativas e diferenciadas que o grafite impõe? Claro que percebo que a relação texto/imagem existe em outras áreas e linhas de pesquisa, porém como as dissertações em artes podem destacar a criatividade e liberdade de expressão que é inerente a ela? Confesso que este era e ainda é meu maior dilema. Expor a pesquisa e ser criativa; usar uma linguagem científica e imaginativa ao mesmo tempo e seguir as regras que as instituições impõem de uma forma libertaria. Esta não é uma dúvida só minha, pelo contrário, ela perpassa por todos aqueles que estudam sobre arte e tem que submeter estas pesquisas perante a academia. Foi lendo um artigo de Leda Guimarães⁸ que senti mais segurança para traçar as escritas densas e elaborar um visual mais criativo para esta dissertação. Barbosa, neste trecho, correspondeu ao meu desejo de explicar porque a arte nos capacita a esta performance avassaladora de ser *abusado* neste processo criador.

Nesse modo estruturei minha dissertação em 6 capítulos que denominei de Tela (paredes ou zonas repletas de grafites) e pequenos rolês (saídas para grafitar, trampar). A 1ª Tela vem no caminhar pelos teóricos que me dão suporte e falam dos princípios seguidos neste trabalho; a 2ª Tela vem repleta de Belém do Pará, com

⁶GEERTZ, Clifford. *O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis. Ed. Vozes. 2000

⁸GUIMARÃES, Leda, *Ensino e pesquisa em arte/educação: incertezas e descobertas de caminhos investigativo*. Educação e Linguagem (2010; p 1-22)

aparência de grande metrópole e características amazônicas, cidade verde com o cinza do concreto, onde as mangueiras ainda matam a fome daqueles que vivem na rua, abrigam e amenizam o calor e também são misturadas as tintas dos que registram seus traços rebeldes nas paredes/peles dos que aqui vivem; as quatro Telas que virão depois denomino de Telas Manus, pois é neles que apresento vida e obra dos grafiteiros, não com a preocupação de fazer uma análise sobre as obras de cada um em si, mas pretendo contribuir com registros-fala dos que produzem o grafite, qual a importância para a sociedade, para os que olhando seus trampos enxergam as mazelas da cidade, e também a beleza das quimeras, dos sonhos registrados em paredes nuas, muros peles, pois os *manus* são artistas pulsantes nas veias de sua cidade suporte.

1ª Tela.

Sprayando com teóricos: andando nos prazeres das leituras

Espraiar, segundo o dicionário de Aurélio⁹, significa *derramar, estender, alastrar, expandir, propagar*. Eis como me sinto ao ler, discutir e me basear nas teorias desta pesquisa. São prazeres agoniantes, mas saborosos. Descobrir e redescobrir cada autor, cada hipótese é renovar descobertas, alinhar pensamentos, viajar em seus sentidos esboçando os traçados que cada um desses teóricos proporciona neste universo de experiências. Unir o termo espraiar com o spray significa a colagem do prazer da leitura com o ato de pintar as paredes do conhecimento. Desvelei-me das certezas e vestir-me de buscas renovadas a cada autor e teorias que encontrei, permitiu-me entender, compreender e analisar com mais profundidade a natureza desta pesquisa, para tanto, organizei o caminhar em rolês que aqui trilho.

• 1º Rolê •

Meu olhar holístico descobridor

O primeiro passo foi compreender que tipo de olhar estava desenvolvendo neste processo de pesquisa; como chegar ao meu objetivo se olhar só uma vertente, como professora de artes e conhecedora das teorias da arte. Somente um olhar mais aberto permitiria chegar mais longe e mais profundo no universo dos grafiteiros. Seria necessário mudar sempre os ângulos a cada mudança, verificar as diversas possibilidades e reconhecer que ao mesmo tempo que existe um limite no ilimitável,

⁹ O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é um dicionário do idioma português, A versão original resultou do trabalho de mais de três décadas do lexicógrafo e Imortal Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

quer dizer, as verdades a serem descobertas dependem de cada momento e cada situação.

Para entender este olhar busquei observar o que diferenciava o “olhar e o ver”. O texto de Márcia Tiburir, expõe que o olhar é intercessor, lento, nos levando a uma reflexão, enquanto o ver é instantâneo, desatento, frio, sem interesse.

“Ver é reto, olhar é sinuoso. Ver é sintético, olhar é analítico. Ver é imediato, olhar é mediado. A imediaticidade do ver torna-o um evento objetivo. Vê-se um fantasma, mas não se olha um fantasma. Vemos televisão, enquanto olhamos uma paisagem, uma pintura. (...) É como se depois de ver fosse necessário olhar, para então, novamente ver. Há, assim, uma dinâmica, um movimento – podemos dizer- um ritmo em processo de olhar-ver. Ver e olhar se complementam, são dois movimentos do mesmo gesto que envolve sensibilidade e atenção.”¹⁰

Existem diferenças entre ver, olhar e observar. Ver é um fator biológico, quer dizer, através dele se registra apenas o que é visível. Olhar é a soma do fator biológico adicionado a uma intenção consciente, ou seja, ver algo e querer continuar vendo; observar é o fator biológico incluído a intenção e a reflexão. A pessoa que observa pensa sobre o que está olhando, suscitando ideias, questionamentos e conclusões a respeito do que está olhando. Este ato caracteriza-se pela detenção de detalhes que irão possibilitar uma ação a respeito do que se observa. Contextualizando: os procedimentos básicos de qualquer ciência é a observação de um dado objeto de estudo, a formulação de uma tese e a experimentação desta última.

Na visão holística, conceito criado por Jan Christiaan Smuts em 1926, o *Olhar* é descrito como uma “tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um “todo” que é maior do que a soma de suas partes”. Este termo vem da palavra “*holos*” que significa “todo”, “inteiro”, “completo” e está subentendido nas variadas concepções filosóficas, principalmente nas orientais, que utilizam os padrões holísticos para ilustrar a causalidade dos eventos examinando os dois lados da situação em um raciocínio dialético. Uma visão que enfoca o ser humano do ponto de

¹⁰ TIBURI Márcia. *Aprender a Pensar é descobrir o olhar*. 2005. Artigo originalmente publicado pelo Jornal do Margs, edição 103 (setembro/outubro). Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=26

vista do microcosmo, onde cada lado representa o total; e do macrocosmo, em que o todo interage com seus componentes. Pessini ^{afirma} que “o contexto macro influi de modo contundente no condicionamento e na determinação da cultura”. Mas como a arte nos ensina a olhar para o mundo? Para Marcia Tiburi a arte permite ver além, pois nos faz pensar, questionar e observar o que a vida nos mostra, mas com sensibilidade e atenção.

Mas se as artes nos ensinam a ver – olhar, é porque nos possibilitam camuflagens e ocultamentos. Só podemos ver quando aprendemos que algo não está à mostra e podemos sabê-lo. Portanto, para ver olhar, é preciso pensar. ¹¹

Procurando trazer este conceito para o seio da urber, com o objetivo de registrar o conhecimento sobre o universo dos grafiteiros. O olhar aqui, constitui-se em uma atenção especial, para as ocasiões dedicadas às ações do grupo Cosp Tinta Crew com compromisso, responsabilidade e contemplação. Um olhar mais humano, mais caloroso, preocupado com o propósito de perceber, sentir o que acontece com eles e com o mundo a sua volta. Pode-se dizer que é o olhar de “botar -se no lugar do outro”, é o atentar à sensível, ponderado, interessado.

• 2º Rolê • Rizomas antropofágicos regurgitadores

Neste segundo rolê busquei explicações sobre os sujeitos rizomáticos que encontrei, procurando entender as ligações entre eles, eu e minha pesquisa. Conexões intrínsecas do homem e do grupo que se forma ao longo do período de sua existência.

O termo rizoma é um substantivo e significa raiz com um crescimento polimorfo e que cresce horizontalmente, mas sem direção determinada. Gilles Deleuze e Félix Guattari definiram o conceito de rizoma como um modelo de resistência ético-estético-político, originando-se em linhas e não em formas, por isso permitia ser tão liberto,

¹¹ TIBURI Márcia. 2005. Loc. cit.

podendo fugir, esconder, confundir, cortar caminhos. Os rizomas, para esses autores, não eram fechados, não seguiam caminhos certos, mas sim intensos, onde escapavam das tentativas totalizadoras e faziam contatos com outras raízes, seguido outras direções.

Não podemos mais apostar em compartimentos, o rizoma se espalha. Não há motivos para seguir uma linha reta, um método cartesiano. As linhas tortas se ligam, se confundem, se espalham, alastram. As conexões se multiplicam, logo, a intensidade também. Aí sim temos a chance de criar novos sentidos, micro conexões se difundindo, se diluindo, se confundindo, se disseminando. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo”¹².

Os quatro grafiteiros do Cosp Tinta Crew são rizoma que se fundem, mas são livres para viver suas artes, seus momentos, suas poéticas. Seus caminhos são entrelaçados, são vividos com intensidade e nas trocas de experiências o amor e o ódio são companheiros constantes, pois na convivência da criação as opiniões divergem, mas chegam sempre a um retorno criativo, pois como expões Deleuze e Guattari *“um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, (...) retoma segundo uma ou outra de suas linhas, (...) é por isto que não se pode contar com um dualismo, nem mesmo sob a forma rudimentar do bem e do mal”*. Cada um segue trilhas escolhidas pela vida, agarrando as oportunidades e ao mesmo se defendendo das amarras que a sociedade impões para sua linguagem. Rizomas rebeldes, interdependentes, mas espalhados pela urbe que os acolhe e ao mesmo tempo oprime, que de alguma forma é transposto em suas entranhas cidadinas causando estremecimentos nas bases que a sociedade insiste petrificar.

Esses indivíduos rizomáticos perpassam por cruzamentos antropofágicos, que os levam a questionar quem engole quem? Segundo o termo, antropofagia significa o ato de comer uma parte ou várias de um ser humano, não sendo este o caso.

Oswald de Andrade já dizia “só a antropofagia nos une. Socialmente, economicamente, filosoficamente”. Eis a questão que embarca a vida do homem, pois para este autor “só me interessa o que não é meu”, quer dizer, só me interessa o que vem de fora, do outro. O Movimento Antropofágico proposto por Oswald de Andrade tem início em um movimento anterior, mas Movimento Pau Brasil, mas é no

¹² DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1, São Paulo. Ed. 34. 2011 p. 29

Antropofágico que se criam forças a partir de seus questionamentos sobre a influência da cultura de outros países na cultura interna de seu universo e como esta é modificada com o tempo.

“Tínhamos a justiça codificada da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do tabu em totem. (...)o instinto caraíba. (...) A magia é a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.”¹³

Ele provoca uma mudança na busca de identidade da cultura brasileira, não desconsiderando a cultura externa, todavia sim destilando-a, engolindo suas entranhas e força, transformando-a em ponto fundamental na própria potência da cultura interna, “te engulo como alimento e te transformo em energia para produzir minha cultura”. Para o autor é importante não renegar a necessidade de convívio com outros universos, não desprezar as descobertas e inovações científicas, não repudiar a cultura de seu povo em prol de uma cultura externa e da moda; transformando tudo isto e indo muito além, criando, recriando, inovando, sendo você e o outro; aí está a grande mensagem deste movimento, não como leis, mas sim como sugestão para o ato de olhar a cultura interna e externa e transforma-la sem perder a identidade.

Eis aqui a ligação que encontro entre a antropofagia, com os *manus do Cosp Tinta*, entre a arte do grafite, que veio de fora importada pelos meios de comunicação, e os *tramos* deste grupo. A busca de informação alimenta sempre a necessidade de ampliar a técnica, o conhecimento, antenado ao que rola neste universo, sendo sempre deglutida, misturada e repensada em conjunto com seus costumes, tradições e realidades. No caso destes grafiteiros, propicia algo além, a *Regurgitofagia*, conceito de Michel Melamed, onde explica que hoje continuamos a “deglutir vanguardas”, empurradas goelas abaixo, cheias de conceitos, produtos em um estado exagerado de impossibilidades, de assimilações das informações, dos estímulos visuais, auditivos, diariamente, cotidianamente Um crescimento transversalmente oposto as reflexões. Para este autor “regurgitofagiar” é:

¹³ ANDRADE, Oswald de. Originalmente publicado na *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1, maio de 1928. p.6

“Vomitam” os excessos a fim de avaliarmos o que de fato queremos redigir. A “descoisificação” do homem através da consciência crítica, (...) Como quanto, como quando quero.”¹⁴

Entendendo a importância deste processo percebo o quanto a regurgitofagia acontece na arte do grafite, principalmente no caso destes rapazes, que são questionadores e transformadores do meio em que vivem. Para estes a arte são trocas antropofágicas entre comer a cidade e ser o alimento da mesma, em permutas contínuas expelindo o que não lhe serve ou cabe em sua realidade, com resultados *diferentes* a cada processo.

• 3º Rolê •

A distância que nos aproxima e nos faz um só no caminho da arte.

O terceiro passo era definir qual o liame que seria criado entre eu e os grafiteiros? Um relacionamento distante de objeto e pesquisador? Poderia haver um entrosamento mais íntimo de amizade envolvendo os meus, sem afetar, para melhor ou pior, a qualidade ou influenciar minha pesquisa?

Para entender este processo fui em busca das teorias etnográficas. Encontrei nas ideias de Clifford Geertz¹⁵ uma base para minha pesquisa, pois este autor apontava estudos feitos dentro de grupos sociais em que a prática da observação participante enfatizava uma maior convivência e aproximação com as pessoas envolvidas na pesquisa, um “contato mais íntimo possível com os nativos”, vivenciando as mesmas experiências, que também denominou de “imponderáveis da vida real”, quer dizer, fenômenos que só conseguem ser notados através das observações do momento que ocorrem.

Clifford Geertz expõe que o método etnográfico é um empenho intelectual ou “um risco elaborado para uma descrição densa”, isto significa que a investigação produzida pelas ações e fenômenos observados pelo pesquisado e pesquisador, são interpretadas e descritas de forma expressiva pelo etnógrafo, mas para tanto este

¹⁴ MELAMED, Michel, *Antropofagia hoje*. São Paulo Ed. Realizações 2011. p.70

¹⁵ GEERTZ Clifford. *O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis. Ed. Vozes. 2000

estudioso precisa estar mais próximo dos sujeitos de sua pesquisa em uma “experiência pessoal”, convivendo e entendendo a vida e os processos que nela ocorre, analisando não como um nativo, mas como um buscador de significados. Ele vai além e apresenta neste processo duas outras considerações quanto as “experiências”: a experiência-distante¹⁶, onde um especialista em qualquer área utiliza determinados conceitos em suas pesquisas para justificar seus objetivos práticos ou filosóficos, sem envolvimento. E experiência-próxima¹⁷ que envolve uma relação mais conexa, onde a compreensão de como o indivíduo se dispõe na estrutura social está ligada a própria identidade do seu “eu” como pesquisador, mas que permite fazer estas descobertas não com “personificação do espírito”, mas com reconhecimento e percepção dos preceitos de símbolos que conduzem seus pensamentos, valores, comportamentos que determinam aquilo que acredita ser.

Identificando-me com este segundo conceito segui em busca desta relação e envolvi-me a fundo na pesquisa e no processo de escrever e alinhar as trilhas rizomáticas que me levam aos caminhos desta dissertação de escritas densas.

(...) a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas exemplos transitórios de comportamento modelado ¹⁸

¹⁶ Clifford Geertz diz que “experiência-distante” é os especialistas de qualquer área – um analista, pesquisador, etnógrafo, padre ou até um ideologista, que utilizam o conceito para levar adiante seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. (2000; p.87)

¹⁷ _____ afirma que o conceito de “experiência-próxima” é quando alguém – um sujeito, paciente ou informante – usa-o naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus pares veem, sentem, pensam ou imaginam e que ele próprio entenderia rapidamente, se outros utilizassem da mesma forma. (2000; p.87)

¹⁸ GEERTZ Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos e Científico Editora S.A. 1989; p.20

• 4º Rolê •

A poética na escrita e a escrita poética

O termo *poésis* possui origem na poesia, texto artístico escrito em versos, que expressa a ideia do autor. Já nas artes visuais este termo tem um significado diferenciado, ela é a representação da interpretação filosófica do que é arte, envolvendo o próprio fazer artístico. Na poética está inserido o conceito da obra, o discurso não verbal, o texto visual que revela uma obra de arte. Esta é a explicação do dicionário filosófico sobre o termo poética, mas é na prática deste processo que me encontro em conflitos.

Um grande embate, é o que concluo sobre a discussão que norteou minha dissertação na maior parte do processo de criação. Como realizar a construção imagética e escritural? Como caminhar na produção de textos imagens, que tanto rodam o meio do grafite, sem afetar o sistema que condiciona a pesquisa científica? Fui em busca de novas perspectivas metodológicas que auxiliassem um traçar das investigações sobre o universo destes quatro grafiteiros e que, mesmo com a austeridade formal do texto científico na composição de um pensamento coordenado, me permitisse uma liberdade criativa.

Como uma linguagem aguçadora dos sentidos, a arte opera com significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, os visuais - que tem a imagem como matéria prima - tornam possíveis a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. Celebrando Fanom, eu diria que a arte capacita os seres humanos a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiros no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando, ampliando seus lugares no mundo.¹⁹

Procurei relacionar a poética na escrita e a escrita poética, que coabitam em encontros e distanciamentos, como duas vertentes trilhadas na direção da arte que hora caminham juntas, hora se repudiam no próprio trajeto criativo, mas que envolvem o pesquisador e o objeto pesquisado. Entendo que esta é uma das grandes dúvidas

¹⁹ BARBOSA, Ana Mae, 2005 p. 292

de quem estuda o fazer poético, pois na hora de expor-descrever suas descobertas, se sente em processo de difusão do ato de ser criador-criatura como expõe Martins;

(...) no livro/ artigo/ dissertação/ tese/ material didático a imagem apenas ilustra o texto tecido entre teoria e prática ou a imagem dialoga com o texto como um outro texto tão poderoso como as palavras, tecendo teoria, prática e poética? Em uma dissertação/ tese, o texto/ uso poético da linguagem verbal, a imagem, a escolha e a intervenção do autor também na diagramação pode aplicar criação da obra acadêmica?²⁰

Quando o pesquisador da arte consegue entender essas vertentes da forma de escritas poéticas, alcança uma relação de plenitude, mas sempre convivendo com a desconfiança da possibilidade de existir uma falta de rigor em suas investigações e nas certezas de seus resultados. Se preocupa em articular as normatizações e convenções dos formatos e conteúdo, criando possibilidades de várias modalidades de narrativas e relatos com olhares difusores contemplando a complexidade das experiências que surgem em suas pesquisas.

Em seus estudos, o autor utiliza as imagens como forma de expor seu pensamento ou expressar a natureza de sua pesquisa acontece uma peculiar relação entre a ilustração e a produção de suas afirmações, assim como explica Hernandez:

(...) as imagens não ilustram o texto, mas constituem um relato autônomo que permite ao visualizador estabelecer outras pontes, nexos e interpretações. O texto, por sua vez, não fala sobre as imagens, mas, a partir delas.²¹

Nesta pesquisa realizei bricolagens ou colchas retalhadas que me permitiram a variedade de estratégias e métodos como auxílio na criação de novas técnicas e materiais. São investigações visuais, entrevistas narrativas, histórias de vidas, processos criativos, assimilações imagéticas e não análises das obras, mas falas sentidas de cada trampo, tela que o grupo realizou individualmente ou em conjunto. Essas colchas, que posso denominar de *patchwork*, são momentos de dissensões criadoras, pois em algumas ocasiões são escritas poéticas que vem embaladas no

²⁰MARTINS, Miriam Celeste (b) *Imagens, palavras e rigor científico: inquietudes de uma professora/orientadora/pesquisadora*. Anais da 23ª.ANPAP. Belém. 2013. p. 3322 a 3337.

²¹HERNANDEZ Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre. Mediação. 2007 p. 101-102

pulsar do artista criador e em outro são poéticas nas escritas do outro, do grafiteiro, que me encanta com seus traços, suas cores, seus tramos.

Todo esse trilhar investigativo contagiado por minhas experiências, práticas e produções artísticas me fez ver que precisava encontrar “caminhos metodológicos aracnídeos”, como explica Guimarães;

(...) Fios de significados saem de corpos em movimento, construindo tramas flexíveis, as propostas de aproximação tanto de objeto quanto de caminhos de pesquisa, estes fios formam desenhos relacionais que se entrelaçam: forma/ conteúdo, processos/ resultados, perguntas/ respostas, pesquisadores/ colaboradores, arte/ vida, docência/ investigação.²²

Ressalto ainda que algumas Telas possuem interferências de textos manuscritos e imagéticos dos próprios grafiteiros e se desdobram como imensos muros e paredes que fizeram parte de meu processo de pesquisa, por isso estão inseridos no corpo do texto, como parte importante dessa “escrituragem”, permitindo assim uma “atuação avassalante de brincar neste processo criador”.

2ª Tela.

Cidades: um suporte que nos suporta!

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos ainda que o fio Condutor de seu discurso seja secreto, que as regras sejam absurdas, as suas Perspectivas enganosas, e que todas coisas escondam uma outra.²³

²² GUIMARÃES Leda .*Aqui só se desenha quando tem evento? Um mote para descaminhos pedagógicos, metodológicos e investigativos em artes visuais.* Educação e Linguagem. V. 22. p. 1-22. 2010 p. 20

²³ CALVINO Italo.; *As cidades invisíveis.* São Paulo. Companhia das Letras. 1990

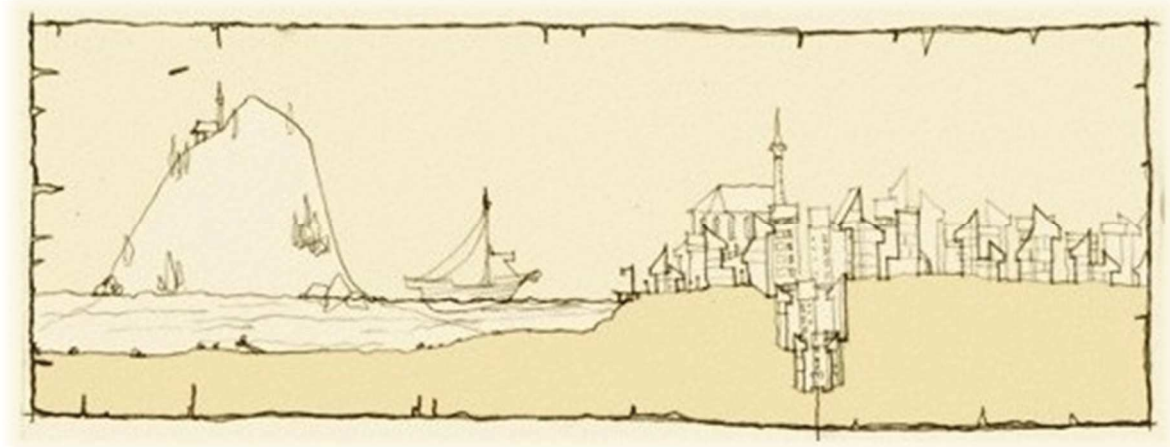


Ilustração da cidade de Pirra, feita por Evandro Ziggatt Monteiro a partir da descrição do Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino²⁴

Urbe, cidade, município, povoado. Todos, um só significado, aglomerado de indivíduos, concentração de habitantes, mas será somente isto? Não, *Urbs*, termo de origem etrusca, designava a cidade de Roma, intramuros por nobreza, envolve outros sentidos; Urbe fascina, é o aflorar das civilizações, do ser cidadão, ostenta um *ethos* urbano, pois faz este pertencer a uma cidade lhe dando formas, com o passar do tempo, troca de papéis e faz com que este a represente.

As cidades, desde seus primórdios, já demarcavam um traçado, quadrados ou círculos. Estes formaram os ícones que definiam espaços urbanos organizados, tais como torres, edifícios públicos, templos, praças, mercados e em seus limites as muralhas. Nesta urbe, abrigava-se o poder regulador e o poder ordenador da transcendência divina.

O homem neste meio é o ser regulador, que traz para a cidade uma nova sensibilidade. Através de palavras escritas ou contadas, de músicas que celebravam com canções melódicas, de imagens desenhadas, pintadas ou até projetadas procurando representar novos códigos civilizatórios de convivências, rituais e normas.

Pensando nas palavras de Ítalo Calvino percebemos que nesta cidade palpável, concreta, vivenciada no seu cotidiano existe uma correlativa no campo do imaginário, expondo a urbanização como obra máxima do homem, que constrói e

²⁴ www.vitruvius.com.br

reconstrói em atos e na imaginação, várias urbes. É a cidade utópica, de quimeras inalcançáveis, convivendo com a terrível realidade. A urbe nos mostra ser um balançar de “verdades”. Este mundo de falsas realidades permite compreender e enxergar, através de nossos sentidos, os limites do imaginário como movedor da ação do homem, atuando como atribuidor de significados para uma realidade responsável pela criação humana. Se são obras fatíveis ou irreais não importam, é fundamental serem concebidas para o crescimento e progresso da urbe.

Tudo isso mostra que a urbe é pura materialidade erguida pelo homem, ações humanas sobre a natureza, onde dominar é fator fundamental sobre as formas urbanas, seja pela verticalidade das edificações dentro dos espaços construídos, pelas vias e artérias no entrecruzar dos mapas que permite reconhecer a presença de um fenômeno urbano e cidadão.

A cidade também é a civilidade, pois comporta diversos atores, personagens, classes, grupos em variadas relações sociais que interagem e se opõem, com ritos e festas, hábitos e comportamentos. Todos os registros de ações sociais transformam o espaço natural com o tempo, causando um pulsar da vida e dando sentido a noção de “habitar”, ligado ao sentido “humano”. Cidade, homem, coletividade, lugar do todo, moradia de muitos, tecido envolvendo a alma cidadina.

**1ª Rolê.
Belém, trajeto de uma urbe.**



Belém do séc. XIX²⁵

Que cidade é esta que nos serve de suporte, que é a grande mãe destes filhos amazônidas, que oferece suas avenidas, ruas, muros para uma arte tão excluída e que vem servindo de crônicas visuais sobre seus problemas sociais, econômicos e políticos? Para podermos prosseguir nesta pesquisa precisamos conhecer e entender como Belém do Pará chegou ao patamar de grande metrópole da Amazônia, como foi sua construção e formação, como ocorreu seu período de urbanização, chegando até a urbe contemporânea.

²⁵ <http://www.ciavisual.com.br/detalhe/fotos-antigas/15417-belem-3/>

Em sua origem como núcleo urbano, iniciado no século XVII, surge uma fortificação para proteger a entrada do Rio Amazonas das invasões estrangeiras. De formação quadrada, feita de madeira e telhado de palha. Foi denominado Forte do Presépio, hoje Forte do Castelo, originando o primeiro núcleo urbano. Partindo deste forte foram abertos caminhos que formaram as primeiras ruas da cidade tal como a rua do Norte, que abarcava a igreja e o convento dos frades carmelitas calçados; vieram depois a rua do Espírito Santo, rua dos Cavalheiros, de São João, travessa Atalaia e outras ruas que foram surgindo com a expansão do núcleo urbano, formando assim o atual bairro da Cidade Velha, primeiro quadro de urbanização da cidade de Belém. Uma expansão lenta, feita através de doações de terras para colonos portugueses e ordens religiosas, segundo Maria de Nazaré Sarges expõe:

A lentidão com que se processou o povoamento explica-se pela resistência que os índios faziam a presença dos alienígenas, pela luta contra invasores, como também pelo próprio desinteresse que os metropolitanos apresentavam em relação ao Norte, por desconhecerem a existência de minas de ouro no território nortista, material que tanto interesse lhes despertava²⁶.

Para esta autora, o processo de expansão se intensificou a partir de segunda metade do século XVII e no século XVIII quando a cidade já possui 10.620 habitantes e evidenciava sinais de reorganização de seus espaços, como demonstra o cientista francês La Condamine: “*Encontramos uma cidade grande, mas alinhadas casas risonhas, a maior parte construída desde trinta anos em pedra e cascalho, igrejas magnificas.*”²⁷.

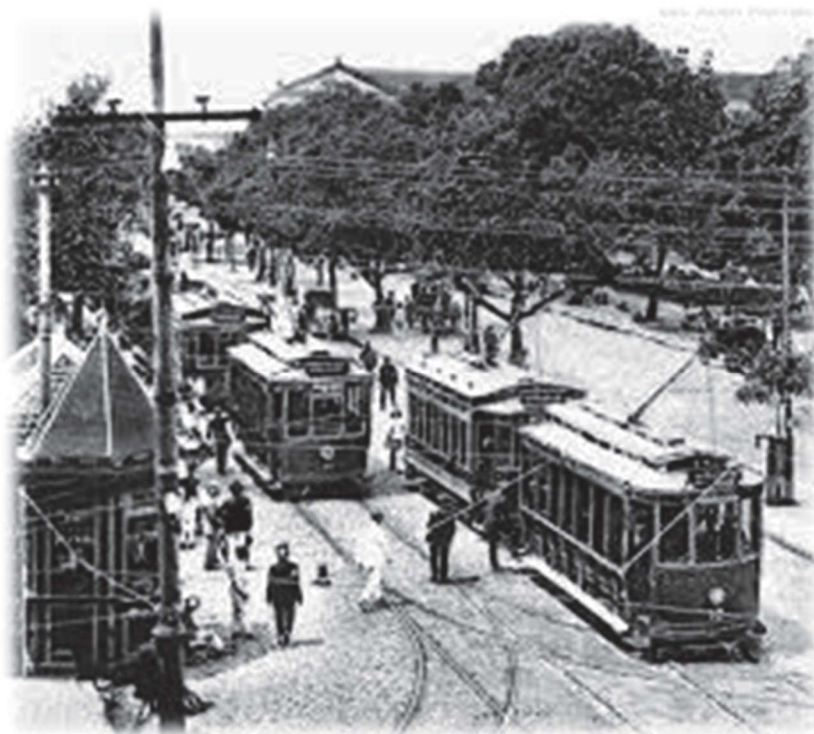
A cidade iniciou seu crescimento distanciando de seu sítio inicial e expandindo para outras regiões. Tornou-se sede da Província do Grão-Pará e Maranhão (1751) sua população e centros urbanos ampliaram-se. Entre os anos de 1735/1737 Belém sofreu transformações urbanas com o advento da Cabanagem, provocadas por contradições de interesses entre a população, os dominadores portugueses e o poder imperial sobre a província, causando assim modificações que enfraqueceram a economia da região.

²⁶ Maria de Nazaré Sarges. *Belém: riquezas produzidas a Belle Époque (1870 – 1912)* Belém . Ed. Paka-tatu. 2010 p. 68

²⁷ Augusto Meira Filho. *Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará*. Belém. Grafisa, 1976. 2 v p. 98

Na metade do século XIX a cidade restaura toda sua pompa com o advento do extrativismo da borracha. Belém já possui calçamentos de paralelepípedos e um aspecto mais agradável, pois como disse o naturalista Bates, em sua visita em 1859:

Achei o Pará muito modificado e melhorado. Não era mais aquele lugar com aspecto de aldeia cheia de mato, ameaçando ruína, que eu vi quando a conheci em 1848(...). A população aumentara (20.000) pela imigração de portugueses, madeirenses e alemães, e durante muitos anos o considerável saldo de seu orçamento tinha sido gasto pelo governo em embelezar a cidade.²⁸



Belém da *Belle Époque*²⁹

Sarges afirma que a Belém do final do século XIX emprega parte de seus excedentes da economia gomífera no setor público da área urbana construindo novos prédios, tais como o Teatro da Paz, Arquivo e Biblioteca Pública, calça as ruas e avenidas com paralelepípedos importados de Portugal. A urbe se expande para terras mais altas e surgem os bairros mais abastados, enquanto a população mais pobre sobrevive pelas periferias da cidade, ainda em palafitas e ruas de terras e lamas.

²⁸ BATES, Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo. EDUSP/ Itatiaia, 1979 p. 21

²⁹ <http://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com.br>

O ciclo da borracha entra em crise a partir de 1920, com a entrada da concorrência asiática e pela produção de borracha sintética nos laboratórios europeus. Belém já não é mais a “Capital da Borracha”, mas as mudanças urbanas realizadas ao longo do final de século XIX e início de XX permaneceram sob novas condições e com novas características, mas é importante destacar o seu significado para a sociedade paraense:

A transformação pela qual passou Belém, engendrada pela economia gomífera, significou a materialização da modernidade expressa através da construção de obras, urbanização, formação de elites na construção de “um modelo ideal de sociedade moderna isento de perturbações”³⁰

Como vimos, Belém cresceu, modernizou-se, mas com uma preocupação com o embelezamento e com a formação de uma nata social, isto representou o deslocamento e a discriminação para com a população pobre, que apesar de marginalizada pelos mecanismos de controle do Estado, com o tempo se voltam na disputa de espaços urbanos com as elites.

Na década de 1970, Belém já constava na lista das áreas metropolitanas brasileiras e inicia um processo de verticalização, pois o crescimento populacional e a ligação inter-regional tornam possíveis as utilizações dos modelos modernistas na construção de prédios institucionais, comerciais e residenciais, onde foram inseridos alguns detalhes construtivos que se adequaram às nossas características ambientais. Os padrões de urbanização incutiram na metrópole fortes características ao modo de fazer “a cidade”, quer dizer, apresentou problemas de “insustentabilidade” conjugados ao processo de expansão da área urbana e espaços intra-urbanos. Problemas esses que envolvem de um lado a cidade que concentra os investimentos públicos e em contraponto a cidade relegada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana que a compõe, acentuando as diferenças socioambientais. Como comenta GROSTEIN: “*A precariedade e a ilegalidade são seus componentes genéticos contribuem para a formação de espaços urbanos sem atributos de urbanidade*”³¹

³⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo. Companhia das Letras. 1986. p. 30.

³¹ GROSTEIN, Marta Dora. **Metrópole E Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”** São Paulo Perspectiva. vol.15 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2001 p. 3

Isto resultou em uma metrópole com os mesmos problemas de outras grandes metrópoles: a forma de ocupar o território; a disponibilidade de insumos para seu funcionamento (disponibilidade de água); a descarga de resíduos (destino e tratamento de esgoto e lixo); o grau de mobilidade da população no espaço urbano (qualidade do transporte público de massa); a oferta e o atendimento às necessidades da população por moradia, equipamentos sociais e serviços; e a qualidade dos espaços públicos. Estudados por especialistas nas áreas urbanas a cidade, com seus problemas, foi dividida em dois termos:

O termo genérico "cidade" tornou-se pouco preciso para expressar o sentido do que se produziu socialmente como espaço urbano ou expansão de "cidade" a partir dos anos 40. Desde então, procura-se adjetivar o termo para designar a resultante espacial do processo que deu forma às periferias metropolitanas. A expressão *Cidade Clandestina* ou *Cidade Irregular* define a forma abusiva do crescimento urbano sem controle, próprio da cidade industrial metropolitana, compreendendo os bairros relegados pela ação pública, a cidade dos pobres e dos excluídos, a cidade sem infraestrutura e serviços suficientes, a *cidade ilegal*, ainda que legítima.³²

Belém, não está fora desse processo, já não apresenta as mesmas estruturas urbanas do passado e seu crescimento vem exigindo a reestruturação do espaço citadino em um novo sistema de modernização. É esta nova metrópole da Amazônia que vai encontrar nas suas paredes-peles uma nova forma de paisagem urbana: o Pixo e o Grafite.

³² Op cit. P. 3



Belém. Década de 70 ³³

2º Rolê.

Dos pixos aos grafites na cidade das mangueiras

Dentro do grafite moderno, surgido a partir da década de 60³⁴ as periferias são as bases de uma arte crítica que evidencia as contradições sociais e seus estigmas urbanos. É assim o início do traçar das linhas que unem Belém a expressão utilizada por uma geração que passa a usar as paredes das urbes como forma de registrar as mazelas sociais que os amordaçam e oprimem.

É na década de 1980 que tudo se inicia, Belém já é uma das cidades que as construções e os espaços urbanos provocam problemas sociais, políticos, econômicos e culturais na vida das grandes massas humanas. Com as novidades tecnológicas e midiáticas que modificam as relações dos homens com a sociedade e

³³ www.skyscrapercity.com

³⁴ Ver RAMOS, Celia Maria Antonacci. Grafite Pichação & Cia. São Paulo: Annablume, 1994

com a própria urbe, um mundo novo surge. A capital do Estado do Pará não é indiferente ao processo do pixo e do grafite³⁵ e o que vem de fora deságua nas terras nortistas.



Ruas de Belém/Bairro do Comércio³⁶

³⁵ COSTA, Luizan Pinheiro da. *Pixação: arte contemporânea*. 2008. p. 225 Tese (Doutorado em História e Crítica de Arte) Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ) Rio de Janeiro. 2008

³⁶ Arquivo pessoal de Carmen Bragança

As consequências destes fatos são as imagens que começam a aparecer nas paredes e muros da cidade. Os chamados “tags” (assinaturas) na forma de pixações, que eram praticadas por jovens de classe média, que estavam à procura da adrenalina típica das faixas etárias efêmeras. Eles encontram uma arte que correspondia às suas necessidades e saíram difundindo o princípio de uma arte subversiva e urbana. Era ainda um início inocente, mas que foi sucedido por um período violento, com guerra de gangues e de forma sangrenta, aqui em Belém.



Pixos em Belém³⁷

Esta primeira fase era ingênua e inconsequente, mas que perdeu espaço para a disseminação de uma cultura de violência na luta por territórios. Queriam além de demarcar suas “jurisdições”, criar os símbolos dos bandos e as considerações ou

³⁷ Arquivo pessoal de Carmen Bragança

marketing pessoal. Com o passar do tempo surge outras gangues que fazem alianças pela zona metropolitana de Belém: Van - Vandalismo; QS – Quick Silver, é delas que despontam Demy e BOB, pixadores que deixaram suas marcas nas paredes da cidade. Era uma época que “queimar” ou “atropelar” era “lei”, uma forma de estimular a rivalidade e o enfrentamento que permitiria ao provocador ser tornar respeitado e autorizado nas ruas.

Com o tempo uma nova linguagem foi ganhando espaço nas ruas da cidade. No final da década de 90 as latas de spray passam a ser utilizadas como forma de tatuar a urbe, era o grafite, com seus desenhos e pinturas que chegam aos jovens das periferias de Belém, e que mudaria completamente a arte urbana nesta região.

Belém, neste período segue dois rumos, o de um grafite ligado ao hip hop³⁸, encabeçado por Spiro (escritor) e aqueles que passaram a usar a técnica do spray e da aerografia, causando embates entre os grafiteiros. Outro ponto discutível era que para alguns, principalmente aqueles que não possuíam a vivência da rua, o grafitar era uma evolução do pixo, como se fosse um processo inferior ou um estágio menos valorizado que era o grafite.

Esta discussão não era uma preocupação, pois para aqueles que usavam a linguagem do pixo ou do grafite, o problema estava na cultura de violência que existia em torno das linguagens da nova arte urbana.

Chegando no novo século, a concepção do grafite como elemento da cultura Hip Hop ganha espaço e as gangues são substituídas pelas crews (coletivos de grafiteiros)³⁹ e bombers (grafiteiro que pratica bombing)⁴⁰, que já colorem a cidade com ações que de alguma forma prioriza o direito do outro à sua propriedade e até mesmo a informação. É nesta fase que surgem nomes estimado entre as crews, tais como Geléia, Dime, Metal, Cely e George. Eram estes que se destacavam no meio desta floresta urbana chamada Belém.

³⁸ Ver MONTEIRO. Angélica. *Cia. De Dança Mirai. Um estudo a cercados caminhos do corpo que dança e ensina*. 2014. p. 28-32 (TCC) Licenciatura Plena em Dança/ Escola de teatro e dança da UFPa. Belém, 2014.

³⁹ GLOSSARIO. p. 137

⁴⁰ Ibid. p. 137

MUTIRÃO DO GRAFITI

OFICINAS (Z) (D) (1) (2)
WORK SHOP DJ'S

EXPOSIÇÃO
AMOSTRA DE VIDEO

FEIRA BATALHA DE MC'S

LITERATURA PERIFÉRICA BREAK

DIA :22/01

APARTIR DAS 09:00 HRS
BAIRRO: TAPANÃ II - BELÉM - PA

INFORMAÇÕES
(091) 80107522
cosptintacrew@hotmail.com

Mutirão do grafiti 2012⁴¹

De lá para cá, podemos dizer que assim como Belém, outras cidades da região amazônica já possuem um considerado número de grafiteiros de altíssimas

⁴¹ cosptintabelem.blogspot.com

qualidades, que possuem a preocupação e o engajamento de um grafite que atrai os jovens, por isso é vivenciado de forma criativa e responsável.



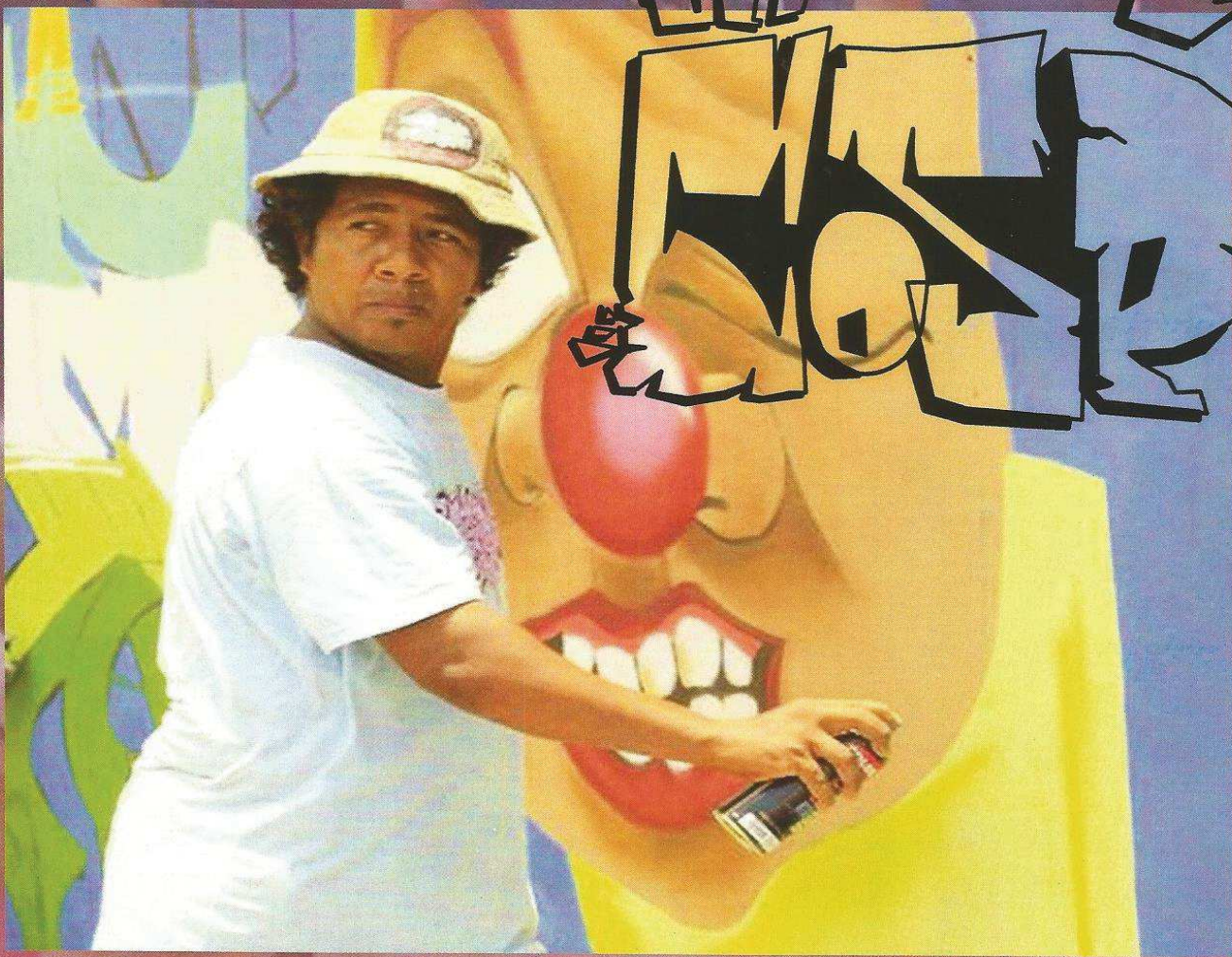
Grafite de George (Cosp Tinta)⁴²

Grafiteiros começam a integrar coletivos e núcleos de Hip Hop e o Cosp Tinta Crew passa a ter um papel importante no meio, pois acaba trazendo as linguagens do Hip Hop para o núcleo artístico da cidade, promovendo “mutirões de Grafite” nos bairros periféricos, tratando temas como violência, educação, meio ambiente, racismo e outros, fazendo com que esta arte passe a ser vista com mais respeito e admiração pela sociedade.

⁴² Foto de arquivo do grupo Cosp Tinta



STREET
NOISE



Sr. Cosp - O Agregador



Oi, sou George, Belenense,
vida bem vivida.

Em 84 conheci as latas de spray, pimba!

Paixão a primeira sprayada!!!

Um amigo, a escola, as paredes pequenas para
dois.

Brincar, pixar, brincar, pixar, correr.

policia, castigo, manga,

ano 2000!

O souho

apenas começava...



Isto é pra quem está na rua

Faça sol ou faça chuva
 Metendo tinta na calada da
 Madrugada....
 O menino pixou e correu.
 Me chama pra pintar...
 Um muro que não combinou
 Um bora madrugar(bis)

Rapper WG

Esta história começa assim, um pré-adolescente que descobre o prazer na adrenalina, do cheiro da tinta, do proibido.

Para alguns autores que discutem sobre o grafite, tais como Cascardo¹¹, o que levam os caras a picharem ou grafitarem é o desafio da adrenalina pelo risco de ser pego em flagrante; a tentação de protesto contra as autoridades; querer demonstrar ao grupo que possui coragem para realizar o tento; no caso de George era tudo *“uma grande novidade, o inverso de minha vida como coroinha e escoteiro”*.

VIDA TRILHADA

Grafite na minha vida já tem 10 anos mas as coisas foram acontecendo. o meu primeiro spray foi com pixação eu lembro bem, foi numa segunda feira, um cara tava pixando e me chamou, ele era da minha sala e perguntou se eu queria dá um risco também. Não sabia direito mas foi o primeiro, três dias depois eu comprei minha primeira latinha. Foi com ele também que dei primeiros pinotes; eu tinha feito a primeira pichação e apareceu um cara no maverick e corremos, corremos, um sufoco para encontrar um esconderijo. E assim foi a minha primeira vez, fiquei uns 8 a 9 anos nessa vida; até então eu nem sabia da existência do grafite. Não tinha a mínima ideia sobre arte e o que queria era a pixação

Um dia, fui pego pela polícia e por ter tentado fugir levei uma surra e me fizeram comer manga misturada com tinta, de minhas latas de spray. Duas semanas cuspiendo tinta, muita tinta. Contudo a necessidade física do riscar não me deixou desistir. Eu já era o “George”.



¹¹ CASCARDO. Ana Beatriz Soares. *Grafite Contemporâneo: da espontaneidade urbana à sua cooptação pelo mundo da arte*. Revista Musear. Junho, 2012.



Eu
realmente
não sabia
que eu pensava
assim...

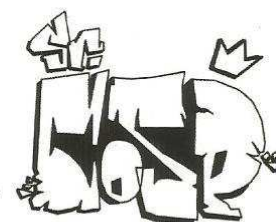


A necessidade de riscar as paredes é inerente ao homem desde os primórdios de sua existência. Para corroborar com essa afirmação devemos olhar para as pinturas pré-históricas, dentro das cavernas, e com o passar dos anos encontramos estas em prédios, muros, ruas e avenidas das cidades. Outro ponto a ser destacado é a necessidade intrínseca de desvendar os significados ou mensagens que cada um desses signos possui. Mas é de fundamental importância entender a relação que cada uma dessas tramos mantêm com o ambiente e quais as concepções que esses ambientes produzem no sujeito-autor da mesma.

A cidade se nutre de tudo que serve de signo porque tudo é chamado a funcionar como signo, de forma fugidia ou durável. Este sobrepeso de signos e de suas potencialidades incomensuráveis passa a traçar as condições da aventura da percepção cotidiana da cidade (JEUDY. 1982. p. 82)



Solidão
Amiga do
Peito...
meu refúgio!



A vontade não morre, sede de spray,
oficinas no IAP, aerógrafar,
murais, esculturas.

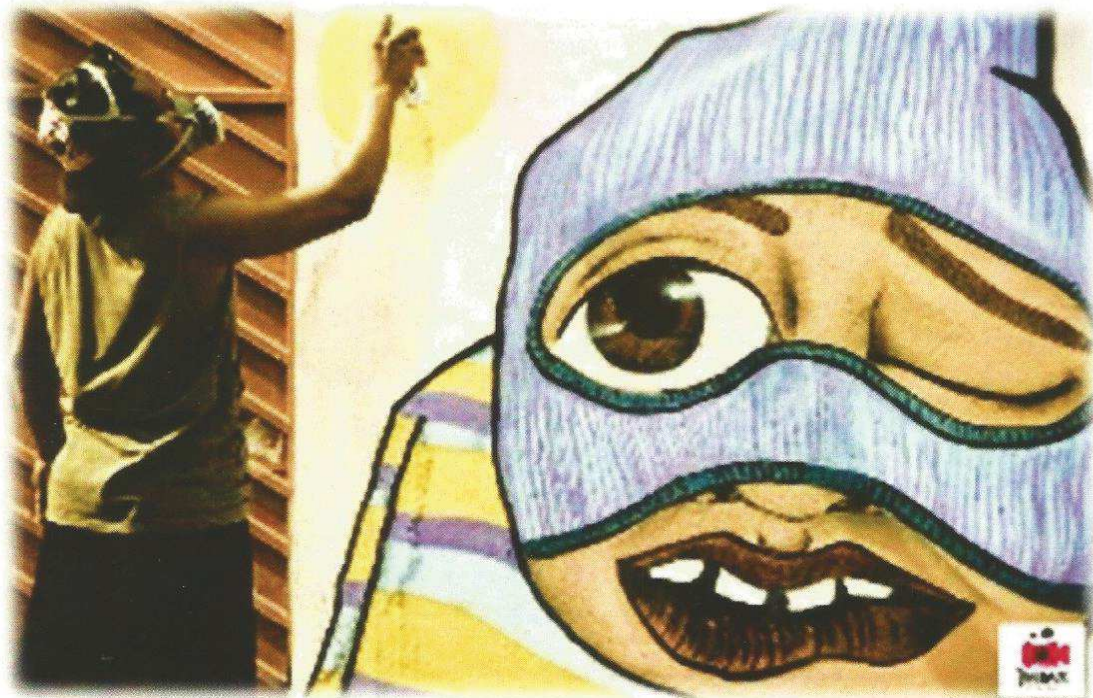
Rui Amaral, grafite,
diferença no que faço, tudo novo.
Escolhas pela frente, amar tudo,
fazer tudo, ser completo.

Início complicado, 10 anos atrás,
grafitar pouco conhecido.

Paredes, pega o pichador!

Explicar as diferenças, pixar, grafitar.

Correr, correr, continuar tentando,
explicar novamente,
sou grafiteiro !



DEU EM NADA ...
OU MELHOR
DEU NISSO !!!



O que é ser um grafiteiro? É ser um artista legalizado? Um indivíduo que só pinta em muros autorizados? Que quer embelezar a cidade? O que o diferencia do pixador?

“(...) discurso esse que parece emitir títulos de posse aos seus proferidos no sentido de que aquele passa a ser um território cercado, estando seu objeto aprisionado nas grades de uma teoria legítima onde qualquer invasão não se torna bem-vinda. No imaginário coletivo urbano o grafite é uma ferramenta de denúncia da exclusão social e a pichação obra de vândalos que não tem o que fazer”. (SILVA E GONÇALVES, 2010, p. 34)

Para o artista dessa arte urbana não existe diferença entre ser grafiteiro ou pixador, isto é uma denominação que a cidade e seus membros impuseram. Ser um ou outro depende do momento de criação, de inspiração. O que se deseja sempre é ocupar os espaços vazios, as paredes nuas, os lugares em que a sociedade não que mais e abandona.

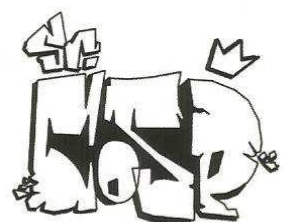
Para George não existe uma preocupação explícita com denúncias, mas existe sempre uma declaração implícita dos problemas sociais, das dificuldades que cada um enfrenta nesta sociedade tão coibitiva.

“fui coroinha e escoteiro, era totalmente certinho nesta vida, mas ao sair da missa ou dos encontros de escoteiros liberava o rebelde que existia em mim. Ia pixar, correr com a adrenalina e o meu vício era o cheiro do spray. Mesmo sabendo o quanto deixaria minha mãe triste, eu precisava dessa liberdade”

George passa a expor pelos muros da cidade seu personagem, sua criação, um desejo de mostrar-se. São várias nuances, vários momentos que vão surgindo e criando personas que gritam nos muros os problemas que a sociedade enfrenta, principalmente os seres menos privilegiados, com menos oportunidades.

Mas o que é uma persona? O termo significa exatamente “máscara”, não certamente a máscara teatral, mas sim a “máscara social”, aquela que a sociedade utiliza para esconder as suas mazelas, onde todo os homens supostamente vestem.

Jung empregou este termo na demonstração de como uma pessoa adapta-se ao mundo em que vive; uma máscara que o faz conviver socialmente pois é com ela que demonstra o ser que modela-se e sobrevive na sociedade.



Para entendermos a que este estudioso expõe sobre persona, precisamos antes entender o que denomina de anima, o ser interior. Em *O Eu e o Inconsciente*², Jung discorre que a anima é “a imagem do sujeito, tal como se comporta em face dos conteúdos do inconsciente coletivo” (JUNG, 2008. p.156). Para este autor isto é um conceito empírico e não intelectual, e como os outros conteúdos do inconsciente, não é possível captar exatamente a natureza da anima que está inserida entre a esfera pessoal e a esfera coletiva

Sendo a imagem do sujeito face aos conteúdos do inconsciente, em primeiro lugar esta diretamente relacionada com o pessoal, com a forma com que ele se vê e se apresenta diante de um coletivo. Ao mesmo tempo, leva em alta consideração aquilo que ele acha que o coletivo acha dele, aquilo sabe ou pensa, inconscientemente, sobre a coletividade” (JUNG, 2008 p. 66)

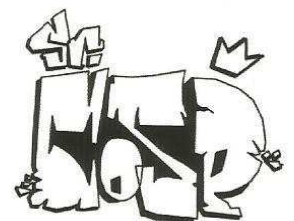
Entendendo melhor essa imagem interna, Jung conceituou seu oposto, uma imagem diante o mundo externo que denominou Persona, que quanto mais estiver dissociada de nosso eu interior, mais será utilizada. Sobre a persona e a anima Jung diz:

“Assim como a experiência diária nos autoriza a falar de uma personalidade externa, também nos autoriza a aceitar uma personalidade interna. Este é o modo como alguém comporta em relação aos processos psíquicos internos, é atitude interna, o caráter que apresenta ao inconsciente. Denomino persona a atitude externa, o caráter externo; a atitude interna denomino anima, alma.”(JUNG, 2008 p. 391)

Depois de entende os conceitos de Jung e conhecendo George e os personagens que denomina Sr. Cosp, compreendo como cada um deles surgiram, pois cada momento apresenta uma faceta do mesmo homem sonhador, que não deixa de lado seus questionamentos, mesmo que inconscientemente, para expor nos muros e paredes o Eu dentro do Coletivo e o Coletivo dentro do Eu.



“Dias sim, dias não, eu vou sobrevivendo sem um aranhão,
da caridade de quem me detesta” (CAZUZA)



² JUNG, C. G. *O Eu e o Inconsciente*. 2008. Ed. Vozes, Petrópolis. RJ



Eu não vim pra me explicar,
eu vim pra confundir,
tudo que eu tenho eu conquistei
na raça ... (GEORGE)

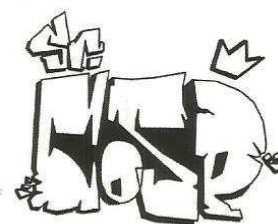
ARUAÉNOZIS...





Há momentos que parecemos um polvo,
querendo agarrar tudo que vem pela frente,
o essencial as vezes fica de lado,
perdão meu Deus !!! (GEORGE)

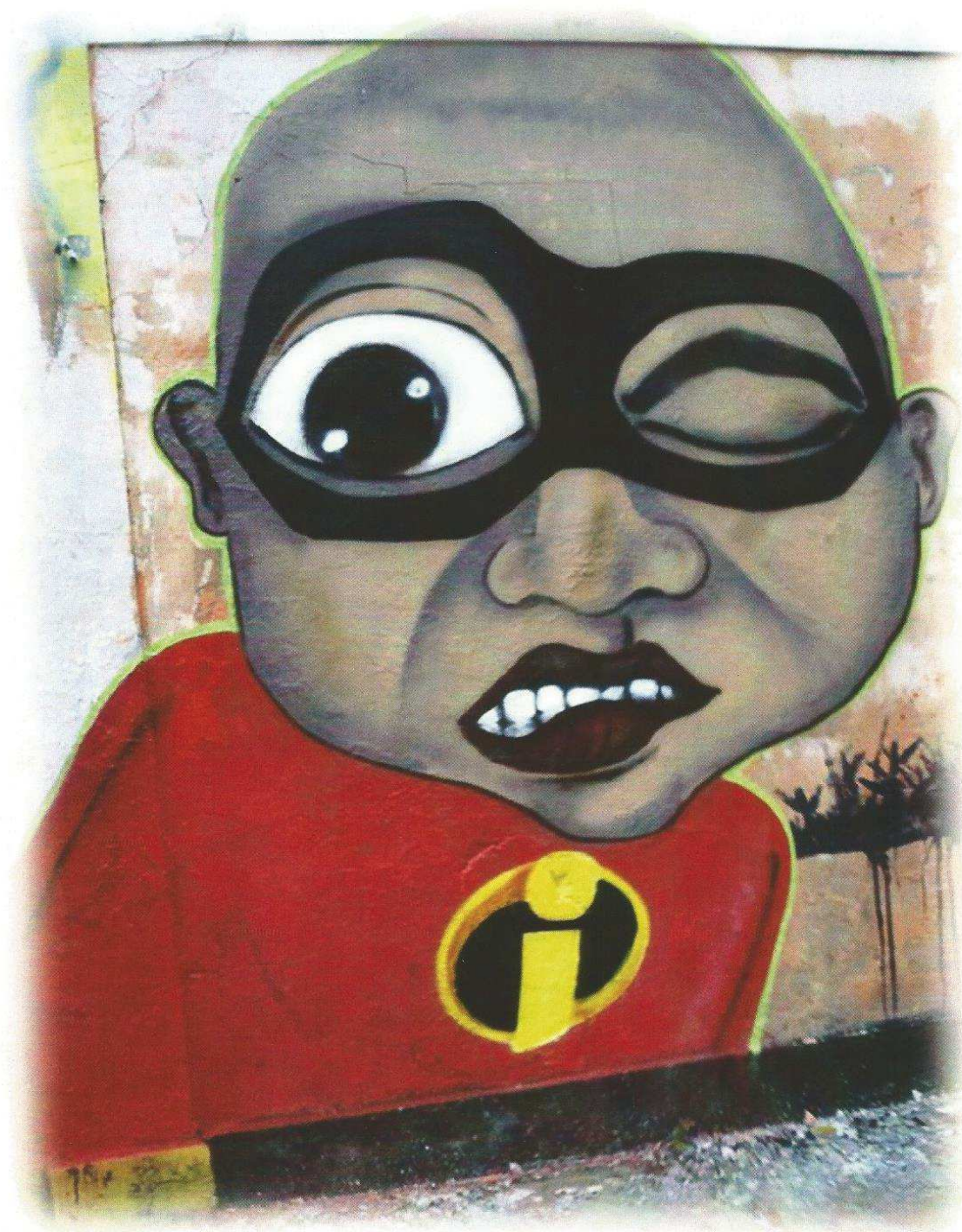
Obrigado por me ajudar...



Hoje, muros oficiais,
oferecidos, contratados,
reconhecido em minha arte.
Para quem só queria se divertir
nos muros da cidade/suporte,
preto e branco, colorido,
pixos, grafites,
meus gritos marcados,
minhas imagens/palavras,
eu !



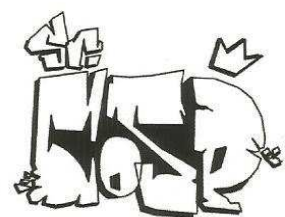
Se segura
malandro !!!



Sr.Cosp, Sr.incrível, sou mais um...
rapaz comum, brincando de ser feliz !!!

(GEORGE)

Odiado por muitos,
mas, minha mãe
me ama...



Trabalho feito na praça do marex , local que antes
fora de esporte e lazer, e que hoje é habitado por
viciados em drogas, são verdadeiros zumbis, eis o motivo
desse personagem, Morto vivo . (GEORGE)



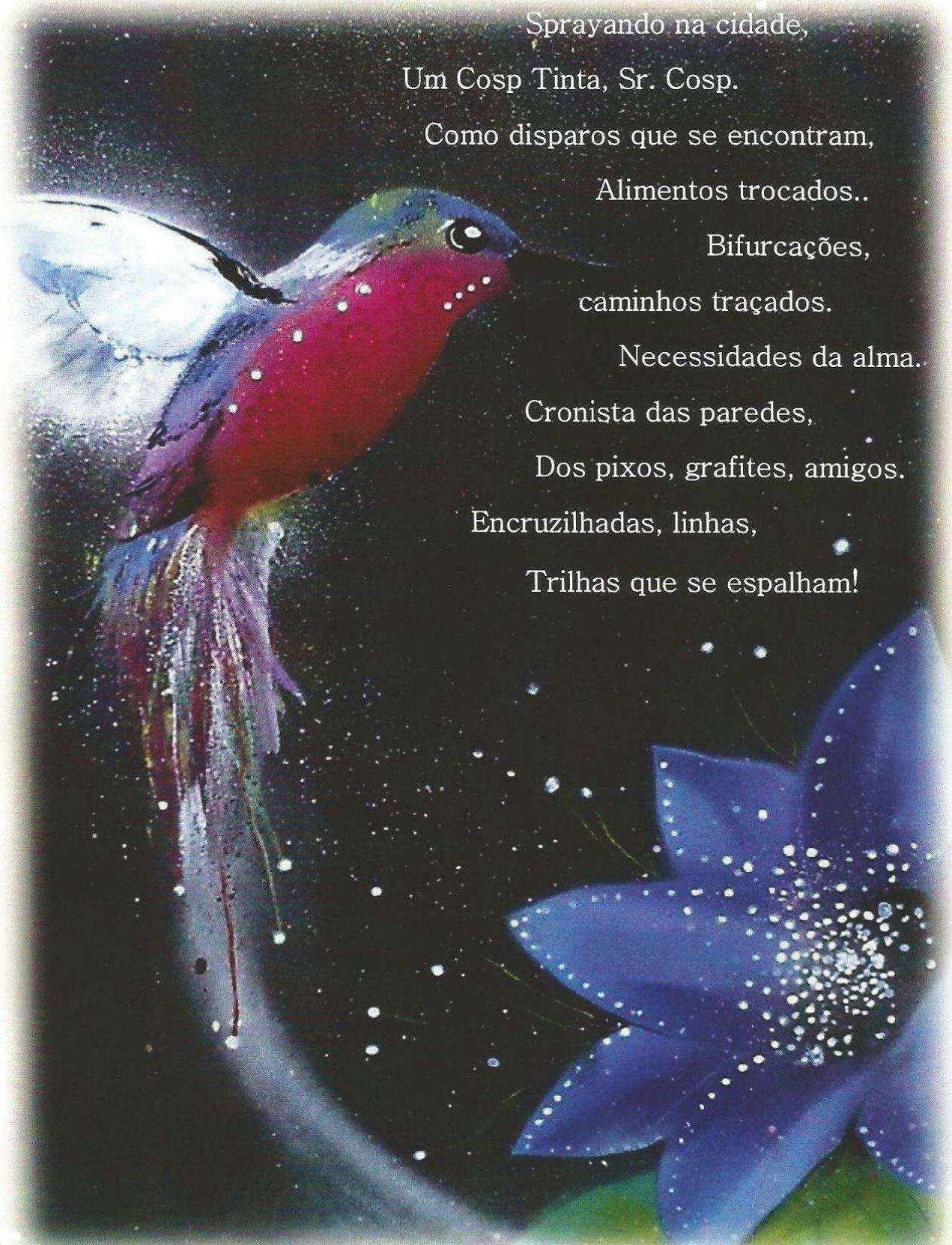
Corre que a polícia vem aí...



O graffiti nos permite sonhos, viagens,
liberdades, ítems essenciais no meu
trabalho, esse trampo não é diferente !!!
boa viagem ... (GEORGE)

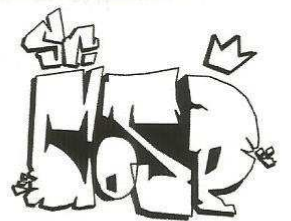


...mas, livrai-me de todo mal,
AMÉM!



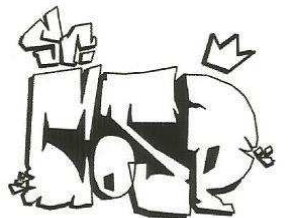
Sprayando na cidade,
Um Cosp Tinta, Sr. Cosp.
Como disparos que se encontram,
Alimentos trocados..
Bifurcações,
caminhos traçados.
Necessidades da alma.
Cronista das paredes,
Dos pixos, grafites, amigos.
Encruzilhadas, linhas,
Trilhas que se espalham!

LIBERDADE...
PRA DENTRO
DA CABEÇA !





FDP...





SE LIGA QUE EU
TÔ DE Q/TO...



"São trabalhadores, pivetes, palhaços, doutores, índios, sonhadores, são o que eu quiser, pois no muro tudo eu posso ser".

Foi assim que George definiu seus personagens. Se a cidade ou a sociedade impõe limites, os muros são ilimitados. Todos os personagens possuem as mesmas características de um olho aberto e o outro fechado, pois para o artista a sociedade é assim, só enxerga o que quer ver, e sempre de um só ponto de vista, o seu. George e seu alter ego³ estão espalhados na cidade mostrando a todos que mesmo sem querer tem sempre alguém a questionar e a vigiar as dores a amores do indivíduo citadino.

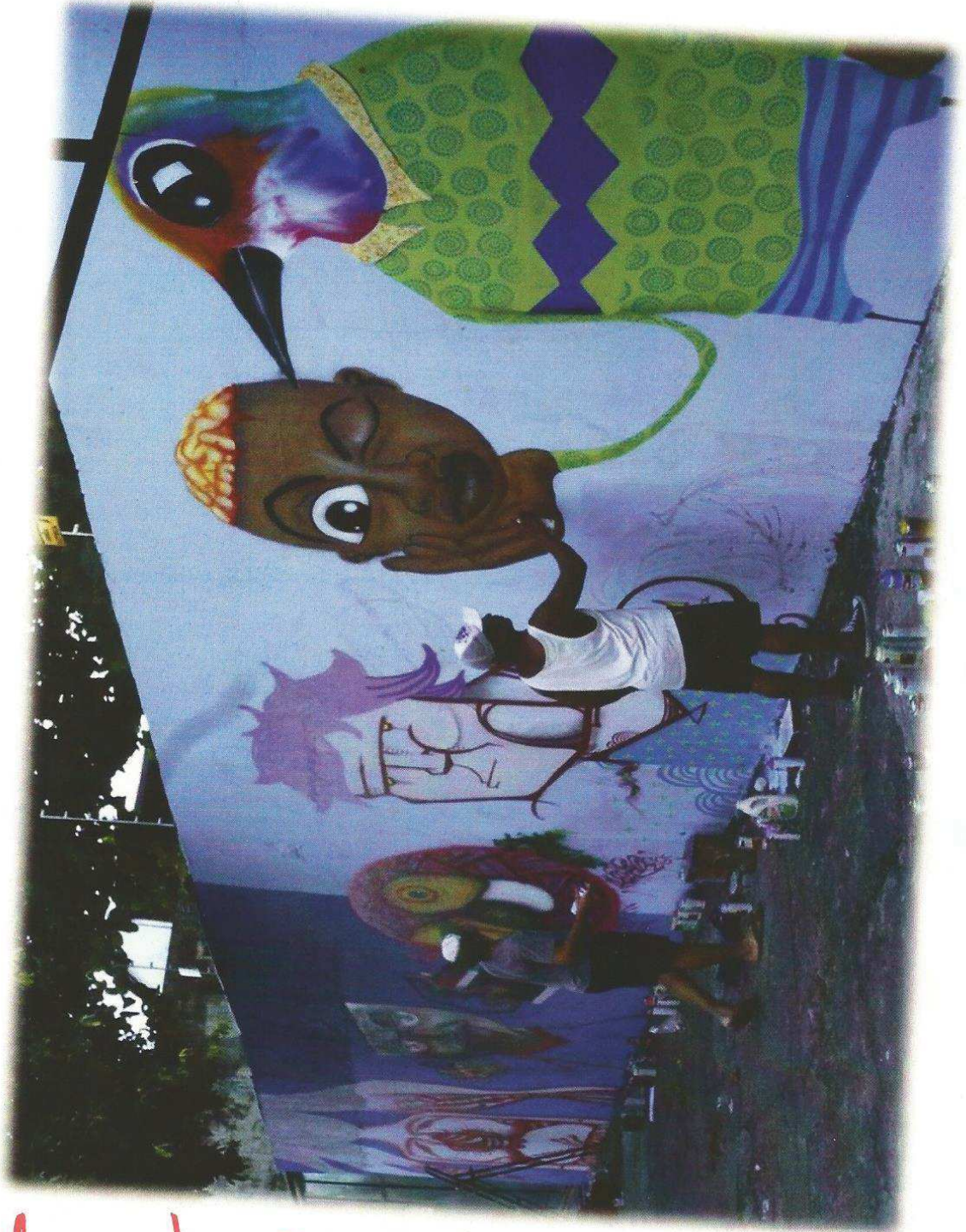


³ Alter ego. é uma locução substantiva com origem no latim "alter" (outro) e "ego" (eu) cujo significado literal é "o outro eu".

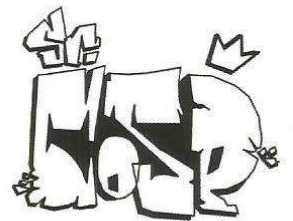
Meus trampos começam a chamar a atenção.

Meus personagens já ganham identidade,
vou sendo convidado a grafitar
em vários pontos da cidade.

(GEORGE



A cidade enlouquece em
sonhos tortos...



Mangueando a Vida !!!

56



*Estou na rua, estou na praça,
estou em qualquer lugar.....
se você não me vê,
eu estou sempre a te olhar,
não me ignore... (GEORGE)*





*Um caminho entrelaçado, escrito nas paredes,
nas ruas, nos muros.
Vida de manus, de sonhos delirantes.
Te dou suporte, me das a cidade.
Tuas trilhas, meus caminhos.
Somos um todo e ao mesmo tempo únicos.
Rios que somam,
avenidas traçadas em ares de spray.
Manuscritos, manuspixos!*

Carmen Bragança



É a partir destas saídas que George começa a aglutinar seu grupo, a crew Cosp Tinta. Não eram escolhas conscientes, intencionais. Como rizomas que se espalham pelo solo da cidade, os grafiteiros desta crew vão se encontrando e se identificando.

Rizoma, conceito que Deleuze e Gattari transportam da Botânica, explica a relação que cada um dos grafiteiros cria com o outro e com a cidade que os inspira nesta vivência. Como um exemplo de rebeldia ético-estético-político, utiliza as linhas como traçados que podem fugir, esconder, confundir, sabotar e retalhar os caminhos que escapam dos experimentos incondicionais fazendo contato com outras raízes, com outras direções, de forma aberta, mas sem ligações definitivas

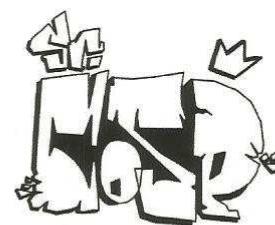
“ Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas condições (...)A questão é produzir inconscientes e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconscientes mesmo. (DELEUZE E GATTARI. *Mil Platôs I*)

Compreender o sentido de rizoma nos permite alcançar o tipo de relação que George mantém com os três grafiteiros que formaram a crew. Suas relações são como linhas que se espalham, se entortam com ligamentos entre si, mas se confundem em alastramentos de conexões múltiplas e intensas. Desta forma estão sempre em processos de criação e recriação de novos sentidos, encadeamentos que se fundem, diluem e disseminam.

Nas paredes e muros da cidade estes seres rizomáticos se encontram, se confundem em traçados, linhas, cores e sprays.

*Ø Cosp Tinta Crew não é fechado,
estamos sempre receptivos para novas ideias,
sonhos, pessoas.*

*Ø que nos liga são sonhos,
desejos de espalhar nossos traços,
nossas linhas, nossas cores. (GEORGE)*



O primeiro a surgir foi o Marcelo Bokão, em um rolê por Marituba. Foi um encontro de pura identificação; morávamos relativamente perto, na fronteira do mesmo bairro, então começamos a sair para tramar juntos. No início o Bokão era meio tímido e já tinha alguns desenhos em seu caderno que me impressionaram, pois não via nada parecido com as doideiras que desenhava. Com o tempo passou a assinar Bokão - Cosp Tinta.

O segundo foi Edpaulo, com quem forma uma amizade ao ir pintar em sua loja.

O papo é frenético e a amizade surgiu através de uma paixão, "a rua", daí começamos a sair para tramar.

O terceiro deste grupo foi o Fábio Graf, o mais jovem de todos três, mas não menos experiente e sensível. Um sonhador como eu, que queria fazer da sua arte um caminho de consciência e liberdade.

Assim a Crew Cosp Tinta se forma e uma das características de nossa crew era a preocupação com a segurança de todo mundo e com as delimitações das escolhas de áreas e muros. Muros de escolas, prédios públicos, igrejas e residências não, pois Belém possui muitas áreas abandonadas, ociosas que podem ser usadas como suporte, não precisando, especificamente de autorização.



Minha
Família
Quer tudo
Como quem
não quer
nada, mas
toma de
Assalto



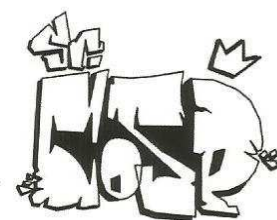
Quando chega na parada !!!



E assim é George, o Sr. Cosp – O aglutinador, aquele que atrai sonhadores dos grafites das ruas. Um manu que respeita o outro, aprende com o outro e com a rua. Que está a procura do mais, do completo e complexo. Que busca no conhecimento do trampo do outro a amplitude do seu trampo. O aglutinador de rizomas, de trocas dilatadas, de novas técnicas que possibilitem explicitar com mais verdades o que sua alma descobre e revela.



Esse é o NOSSO
Mundo ...



*A missão sendo cumprida,
a família cosp Tinta tá aí!
Somos diferentes, sonhos diferentes,
devaneios iguais. Paredes, muros, telas.
Cidade que nos suporte,
suporte de nossa arte,
somos iguais, brincando de grafitar,
brincando de ser feliz !!!
Um aglutinador,
SR. COSP!*

Sr. Cosp⁴



⁴ Todas as imagens do Sr. Cosp são do arquivo pessoal do grafiteiro George e foram cedidas pelo mesmo.



Marcelo Bokão



Moral Estela

Predestinada à tua órbita,
Que te importa, estrela, a noite?
Rola, bem-aventurada, através do tempo!
Que a sua miséria te permaneça estranha.
A tua luz está destinada ao mais distante do:
mundos:
A piedade deve ser-te um pecado.
Admite apenas uma lei: sê pura!

Friedrich Nietzsche, in "A Gaia Ciência

CAPUTAPERA-MA 15.
DPS DE 19 ANOS
REENCONTRO
COM O MEU PAI E PARENTES.

Bokão

Marcelo, paraense.

Criança, desenhos, desejo de expressar.

Pixar, Sacramenta,

pula muro, raiz fincada!

Uma surra, amizade, fugir, gang, parar, pensar!



Marcelo

Falar de Marcelo Bokão é falar de um ser estelar, aquele que veio das estrelas para sua arte expor no meio da cidade, da natureza, do mundo em que vive. O artista que não planeja o que vai grafitar, é o muro quem diz o que quer ser, rachaduras da parede em meio aos percalços da vida. Interpretações de cada um, em cada momento, em cada olhar.

A relação entre arte e realidade em Bokão é complexa e instável, pois é marcada pela tensão existente entre todas as realidades e suas representações. A grande pergunta seria o que é real e o que é imaginário? Para Monteiro¹ toda a forma de produções artísticas pressupõe certos acréscimos e certas perdas, com incisões seletivas que distinguem alguns aspectos em prejuízo a determinados dados da realidade.

É justamente da tensão entre a identidade e a diferença, ou entre aqueles aspectos e estes dados, que se alimenta a criação de toda a obra de arte. Por ser representação e não reprodução das coisas, a *mimésis* artística, exatamente por lidar com exemplaridade, traz em seu bojo, ao mesmo tempo um destino transfigurador e pedagógico: transfigurador por nos revelar a luz muitas vezes escondidas entre as arestas da realidade, e pedagógica por nos levar a extrair lições dessa *physis* sempre ansiosa da sua própria revelação. (MONTEIRO. 2011 p. 70)

Esta é uma questão constante nos trampos de Bokão, pois a realidade de seu mundo é única. Não possui a preocupação de saber se sua arte agrada aos entendidos do grafite ou da arte como um todo.

*Não sou estudioso da história da arte,
não olho para as obras de outros grafiteiros.
Uns dizem para usar mais cores em meus trampos,
mas não estou a fim de colocar então não ponho.
O mundo do grafite pra mim é o modo de me expressar.*



¹ MONTEIRO, Ângelo. *Arte ou desastre*. Ed. Realizações. São Paulo. 2011

~ Não sou daqui
Sou do outro
Planeta.
Acreditas?



CONS. MAGUARY 2011. BELÉM-PA

Escolinha de arte, dificuldade,
 continuar tentando.
 aerografia, produção,
 urbana contemporaneidade.
 MPris, um outro Bocão, grafite, oficina,
 paixão na arte, o mundo.

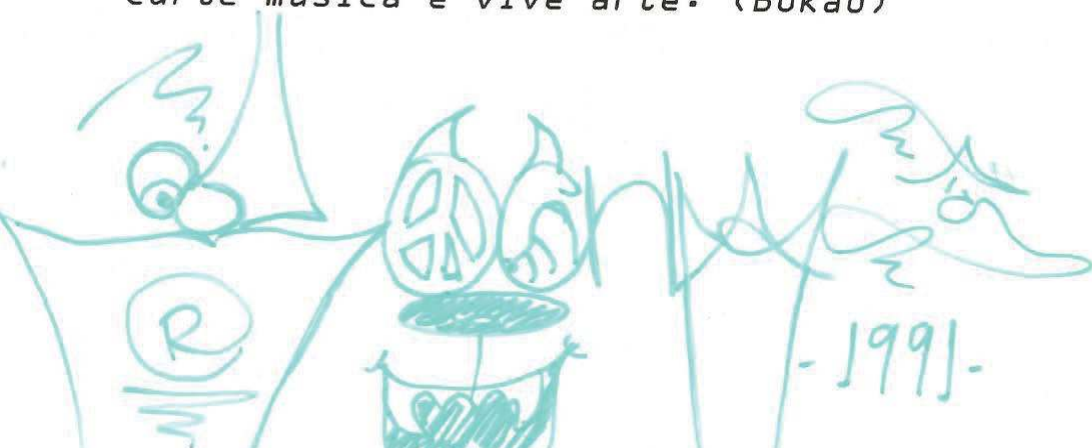
Titubeantes e engrandecidos por experiências indefinidas, percebemos a existência de dois polos que quase sempre são profundos e se interpenetram, nessas relações enlaçadas que convivem o diálogo quase sempre contraditório entre a arte e a realidade. Como expõe Monteiro:

A arte buscando superar as carências que permeiam a nossa trajetória terrestre, e a realidade abrindo-se, cada vez mais, ao apelo das vozes que pretendem redimensioná-las através de uma ação de uma *mimésis* que se renova continuamente desse diálogo entre o homem e o mundo. (MONTEIRO. 2011. p. 72)

A trajetória de Marcelo Bokão foi assim:

A minha primeira lata foi um azul del rei, no tempo do pixo. O cheiro, a cor, 1990. Ficava escondido em baixo de casa, na lama, pois minha mãe prometeu uma surra se me pegasse pixando. Ele já desenhava em cadernos e folhas soltas, mas o primeiro contato foi com o pixo, atrás do muro da escola, quando um colega chamou para pular e pixar lá atrás. Uma lembrança bem marcada na memória. Marcelo queria ser músico, gostava do rock, queria tocar guitarra e foi através desse universo que conheceu os primeiros grafites.

Conheci o verdadeiro grafite em Marituba, pois lá eles respiram arte. Bocão, kMpris, Ralado, tartaruga, turma que curte música e vive arte. (Bokão)



Bokão



Eu não estudo o grafite,
eu vivo o grafite,
cada trampo é meu momento (Bokão)

Bokão



Dei oficina de grafite em 2004,
e corri atrás para aprender como ensinar,
mas com muita timidez. Até hoje procuro ensinar o que
faço, o que entendo do grafite, o lado da rua, a
realidade de conviver na rua.

Luiz



ERA UMA PORTA...
 AGORA UMA SAÍDA
 PARA A VIDA.

Jô Kle

O muro é meu caderno, não sei rabiscar,
pois procuro tirar o que o muro pede.



Para Bokão não existe o processo de rabiscar no caderno o que vai fazer do muro, planejar o desenho, muito comum entre os grafiteiros. A criação ocorre diretamente no muro, na parede ou no suporte que vai levar seu trampo.

Bokão

O que risco no meu caderno é uma coisa,
o risco da parede é o que a parede pede pra ser,
então é o que vai sair.



PARANAPÉBAS - PARÁ 14.

CASA DE CUPIM.

OKIO



PREFIRO
MUROS
DETERIORADOS
DO QUÊ
LIMPOS E
PINTADINHOS

loko



Ø meu trabalho é dimensional,
Viajo nas dimensões espaciais.

KIKO



Qualquer
Lugar é Suporte!
Meus Trampos
É quem Escolhem
O local de sua Existência.



loke



SÃO LUIZ-MA 2015.
DA PONTE PARA CÁ
MEU PRIMEIRO
ENCONTRO
DE GRAFFITI

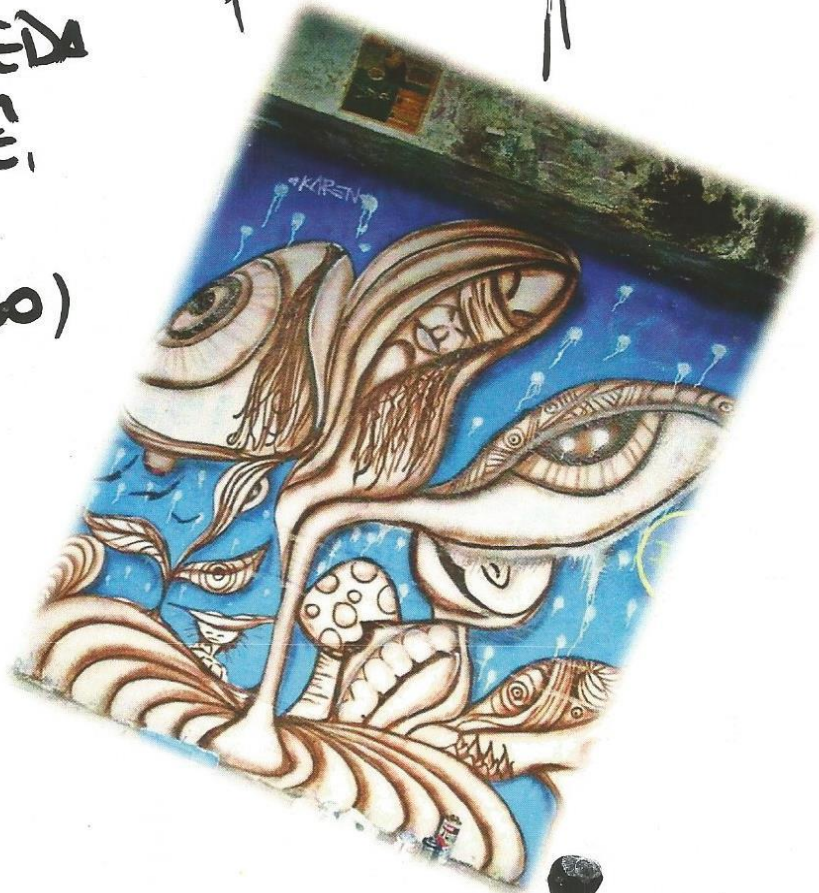


Gosto de pintar com látex, a tinta espalhada, expandida.
 A lata é para entrar com detalhes e não sossego até eu
 acabar.



Vik Muniz

O RISCO DA Queda
ESTÁ EM VOCÊ,
SÓ EM VOCÊ.
(ARAMIS FRANCISCO)



Calmo, conflitante, calado.

Observador, forte, sutil.

Este é Marcelo Bokão.

Tocador, toca a dor,

Resiste, luta, chora, sorri.

Cabelos compridos, corpo frágil.

Ânima imperiosa, estelar.

Seus traçados delicados, profundos.

Mostrando um mundo além do possível.

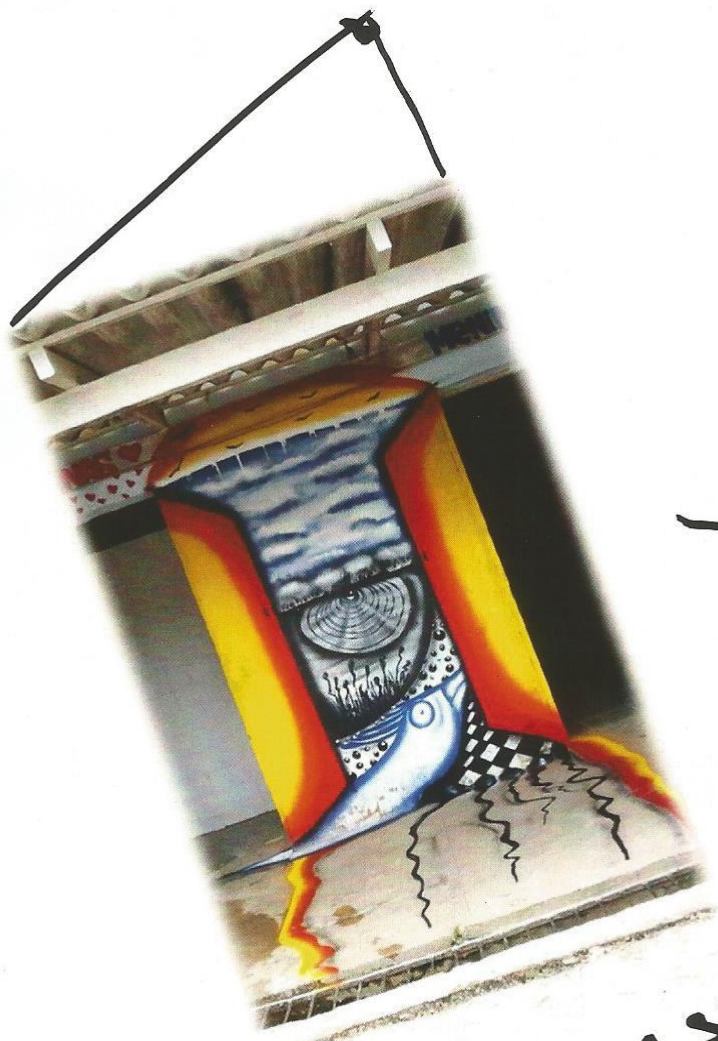
Um Cosp Tinta, turbilhão, um novo olhar,

Nas ruas, nos muros, nas travessas.

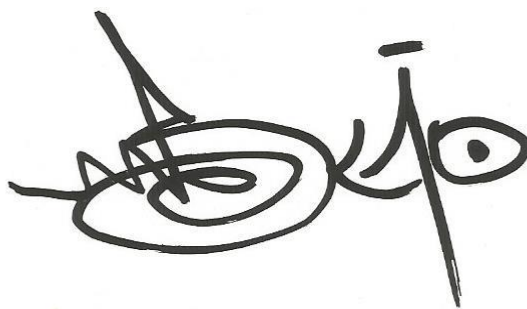
QUEM ACREDITA
SEMPRE ALCANÇA.



PARAU PERAS - PA



DEICINA
ESCOLA JARDIM SIDERAL.
2014.



Tinha medo de errar, acho que essa é a razão de minha arte se livrar do erro tiro outro desenho, o traço fino fica grosso, tudo pode ser transformado.



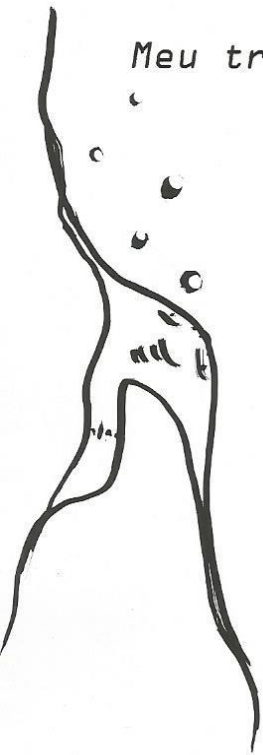
Okie

Vejo desenho nas paredes,
imagens que vão surgindo na minha frente
delas vou criando desenhos e formas.

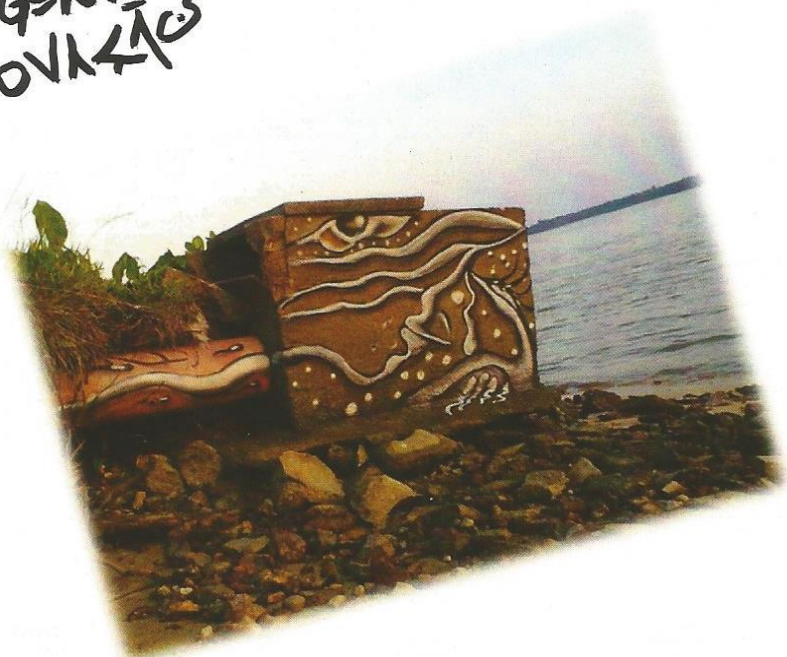


loko

Meu trabalho é natureza, pássaro, cobras, matinta perera.
Não é regional, mas natural



NATUREZA
SILÊNCIO
PENSAR
OXIGÊNIO
RENOVAÇÃO



OKIO



Já grafitei em casas de cupins, pois adoro a natureza.



W.K.O.

*Profundidade, técnica, oficina,
 espalhar conhecimento.
 Parar, duvidas da vida,
 impressão, depressão, expressão.
 Necessidade de vida,
 revolta com a morte, um anjo,
 criança me ensina viver, revigorar.
 George, grafitar, novo folego, insistir.
 Virar Marcelo Bokão,
 assumir minha arte
 Liberdade, criação, esperança,
 sou outro!*



bokão

Não me decifre, pois posso te engolir.



Okie

Quando grafito, não tento entender,
 decifrar o que pinto.
 Cada pessoa ver o que quiser,
 veja o que quiser.



O QUE É ISSO?
 AH TÔ VENDENDO...
 UMA BOLA, DIZO.
 HUMMM...
 O QUE É ISSO
 MESMO TIO?
 (AS PESSOAS NAS RUAS)

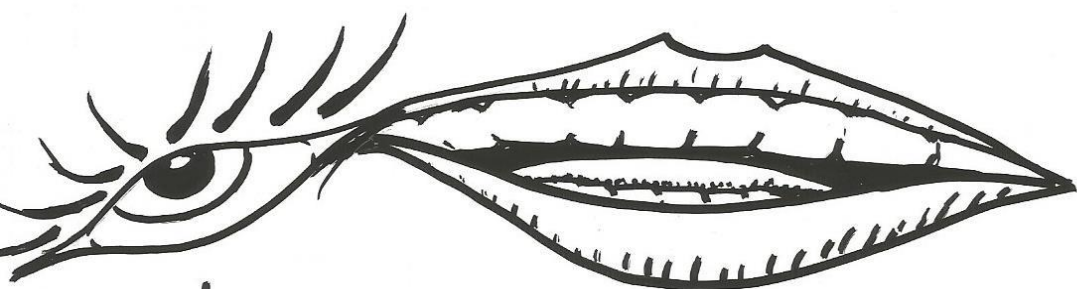


loki

Vou morrer e me desfazer em desenhos.



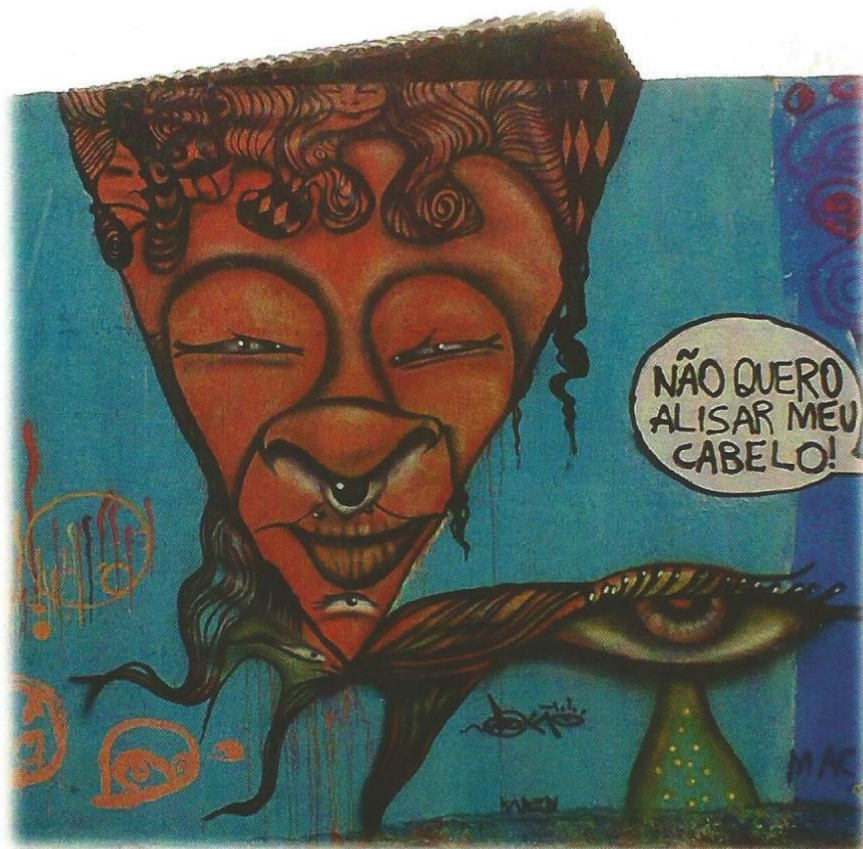
Já passei por perto da morte,
da consciência da morte
pensei o quanto ainda queria grafitar.



BOKIO

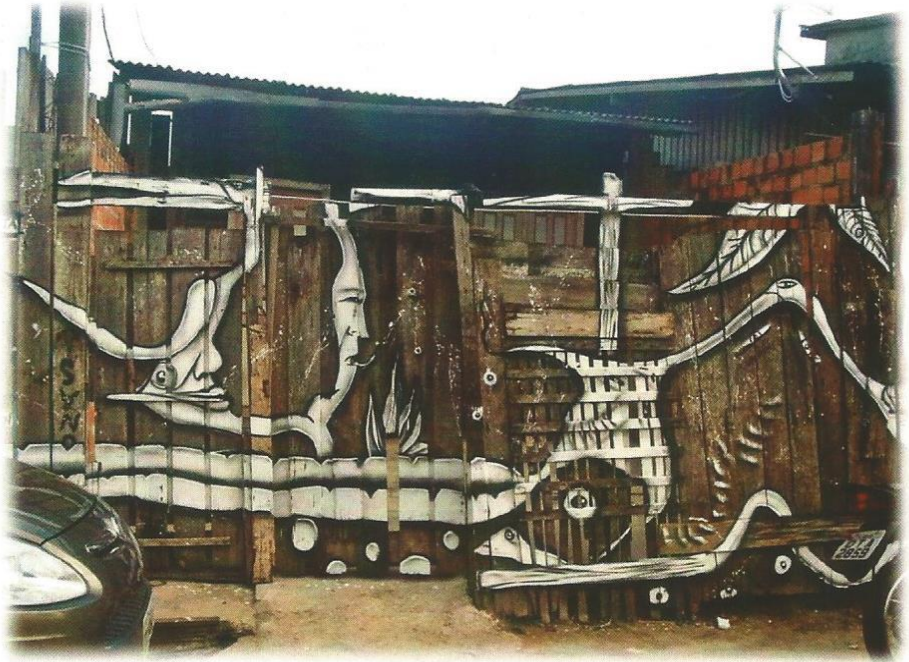
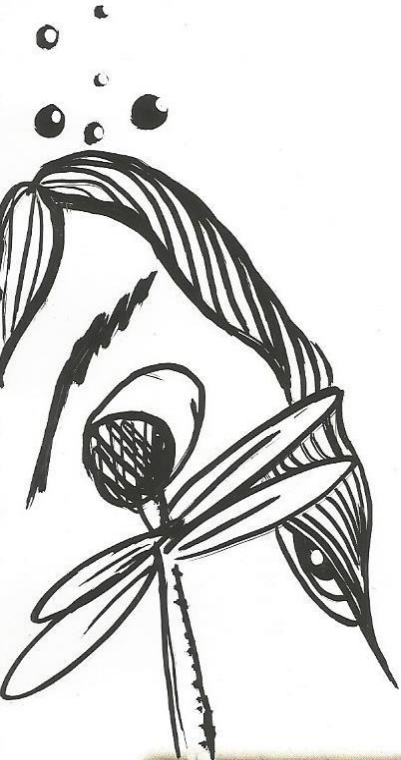
VIVER É FUGIR. MORRER É DIFÍCIL....

Não gosto de político, mas sou um ser politizado.
 Pra mim todo tipo de arte vai ajudar uma criança em
 risco, o esporte também, mas falta espaços de arte e
 esporte na periferia.



loko

Uso as duas mãos pra pintar, uso todas as dimensões pra riscar. Salvador Dali não é um estudo, mas é um artista admirado.



OKIO

♥ KAREN ♥

OKIO

O futuro é minha arte, viajar,
trocar experiências,
continuar grafitando.



Marcelo Bokão²

bokão

² Todas as imagens utilizadas pertencem ao acervo de Marcelo Bokão e por ele autorizadas.

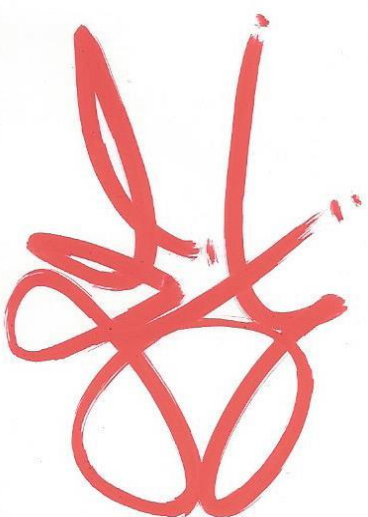
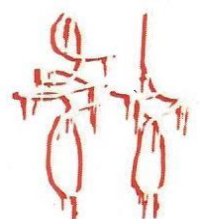


Edpaulo

*“ED”, adolescência,
pixador, pixa a dor, spray.
descobertas aerografadas,
vida arrumada.
grafite, muros, Tapanã,
periferia, morada,
suporte/sonhos/cidade.*



**DEEM
FARI
AMIZONIA
BRASIL**



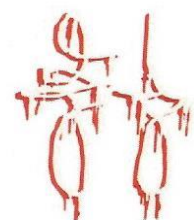
Aqui apresento Edpaulo, O Batalhante, aquele que corre atrás dos seus sonhos, acredita na possibilidade de ser alguém no universo do grafite. Que quer viver de sua arte e de todos os caminhos e desdobramentos que ela possa oferecer. São tantas trilhas percorridas, tantas histórias vividas que as vezes se questiona se está indo no curso certo, mas se identifica em cada um deles. Para Stuart Hall, a identidade do sujeito sociológico engloba o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o pessoal e o público.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribuindo para alinhar nossos sentidos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificado e predizíveis. (HALL. 2006. p. 2)

Poderia dizer que ele se encaixa neste processo de identidade, apesar de saber quem é, nunca pode dizer que é previsível, fácil de decifrar, pois está sempre em busca de se adapta aos novos mundos.

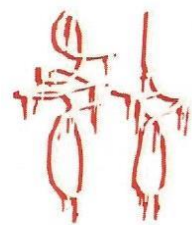
O mundo do grafite entrou na vida de Edpaulo tem 10 anos, incentivado pela amizade de George. Era comerciante e depois de um assalto em sua loja, acabou perdendo tudo e reiniciou a vida através do grafite. Correu atrás de tudo que pudesse permitir um reconhecimento e vivencia no universo do grafite.

ROGÊ
EUA
FAMILIA.





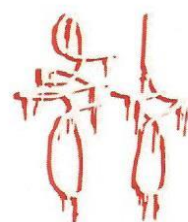
NA TRAVESSIA, PELOS RIOS
RUAS DA VIDA,
NO CASCO DA POESIA.



O grafite pra mim tem vários momentos. De 10 anos pra cá já fazem parte da minha vida e o que seria de mim se não estivesse pintando. O que seria de mim se não fosse a arte, que eu teria me tornado? eu me faço essa pergunta todos os dias.



UMA
FEITAD!!!



REGIONAL
STYLE.



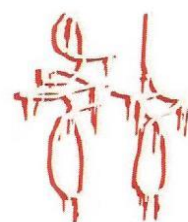
MY WORK.



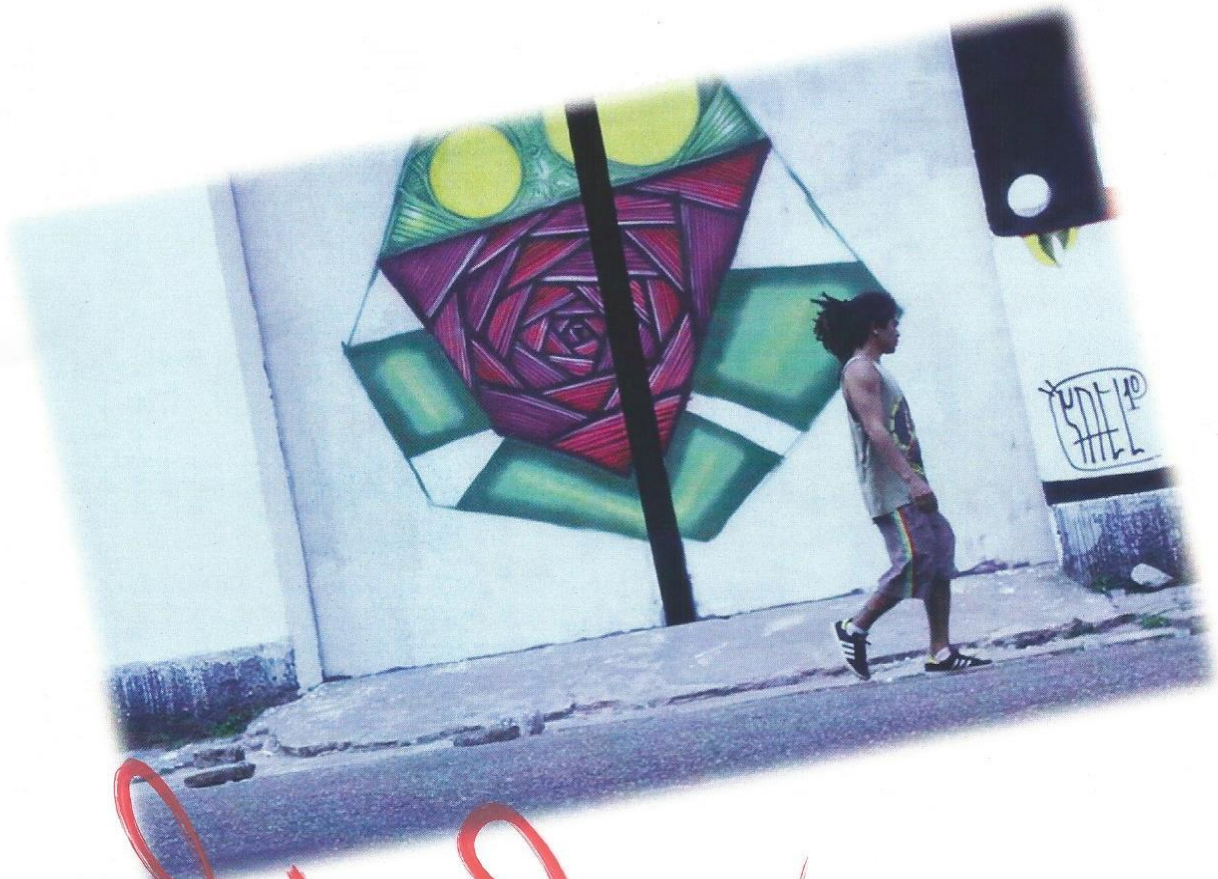
O mundo da arte só atraiu coisas boas foi um ímã de energia positiva que abriu portas.



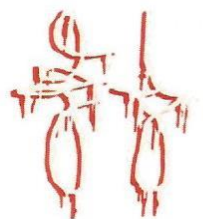
MOP.07 RIO DE JANEIRO
MORRO - FAVELA - INFÂNCIA



Sou morador do Tapanã, bairro periférico de Belém. Sou paraense nascido aqui mesmo. Quando cheguei neste bairro, as ruas eram cobertas de caroço de açaí cheio de matagal, depois veio a piçarra onde era uma fazenda e hoje é um bairro industrial onde o latifundiário desenvolver a indústria



ID + FAR
 FAR + BAHIA
 REDUTO WALLS.
 BELÉM.



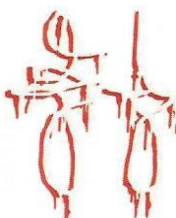
Ed possui uma característica em seus tramos, ele estuda os temas regionais, tal como os muraquitã e as pinturas corporais indígenas, mas não se limita somente em ser amazônico. Trabalha os mesmos temas em suas várias possibilidades.

VER-O-FOLHA

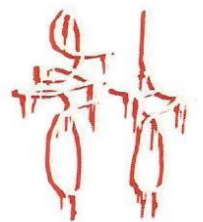


TAPANA
MINHA

QUERIDA



Mujiaquitz — Rio de Janeiro

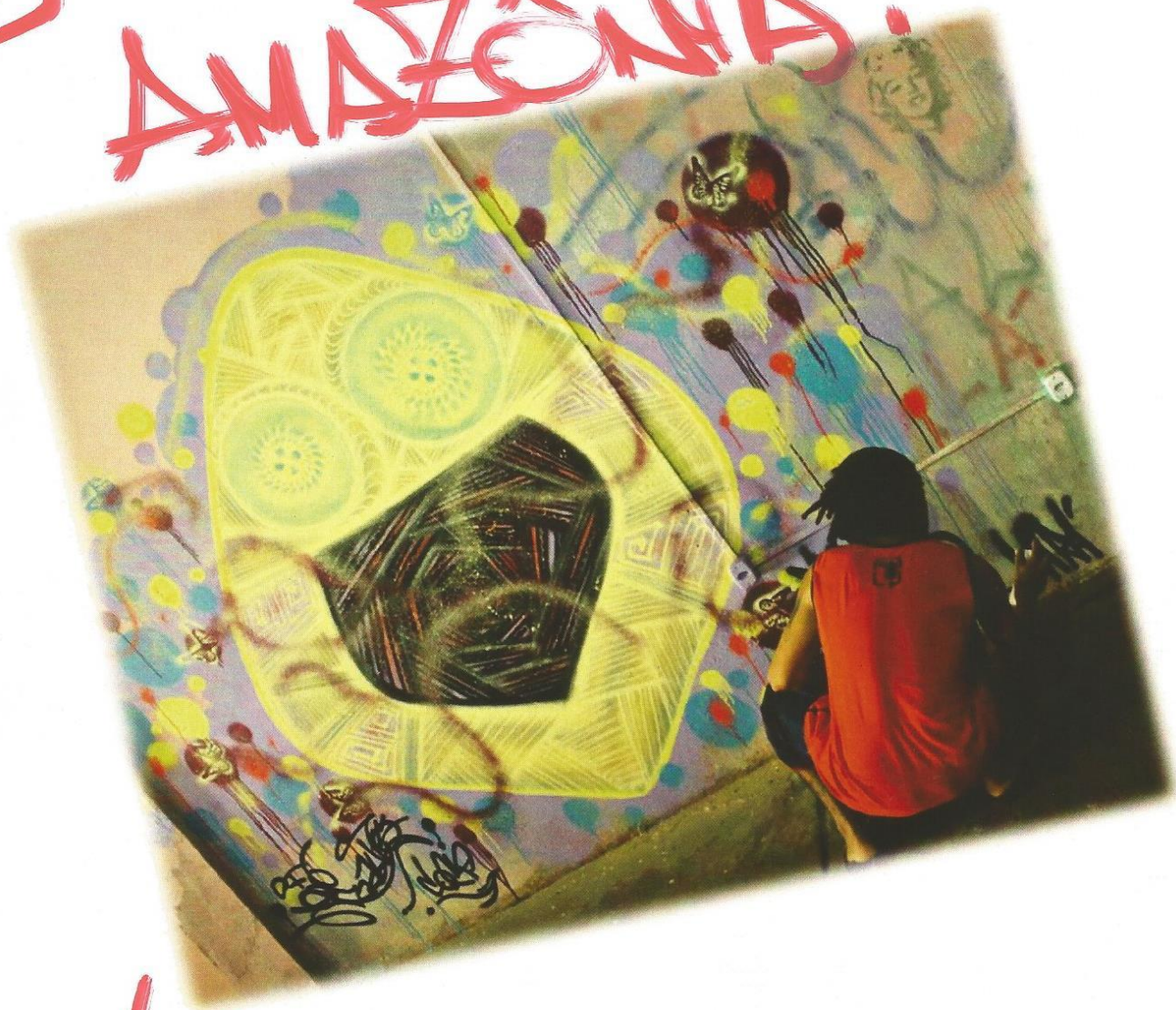


Ser periférico amazônico já é diferente. Mas no mundo do grafite é pouco conhecido para o resto do país. Eu que trabalho temas mais amazônicos, muraquitã, roupagens indígenas, o povo já vê uma diferença.

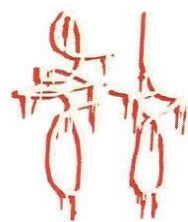


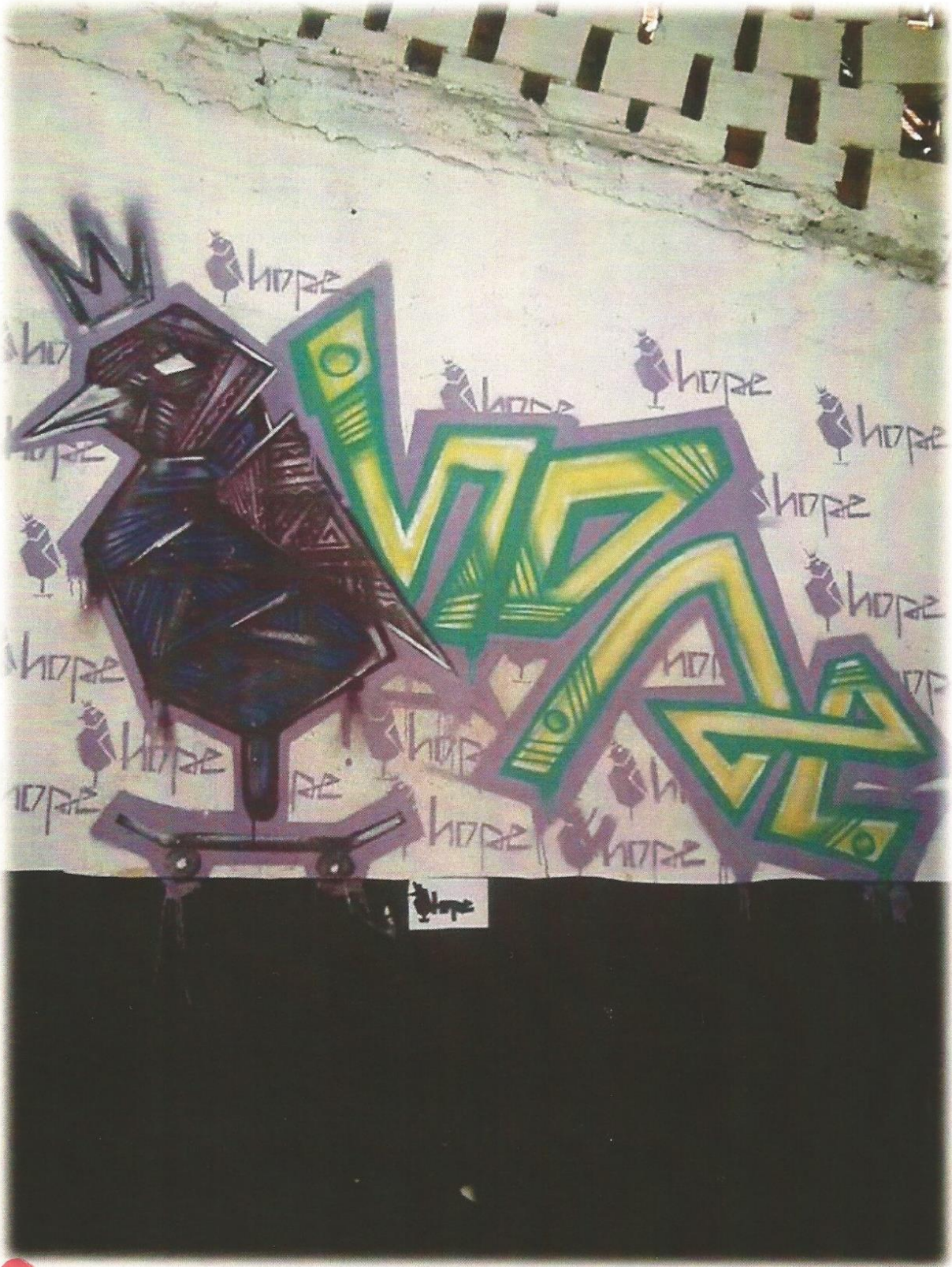
MURO DAS MEMÓRIAS

NADA FORA DO EIXO
AMAZÔNIA.



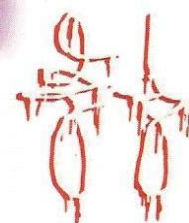
VÁRIAS
MANEIRAS...



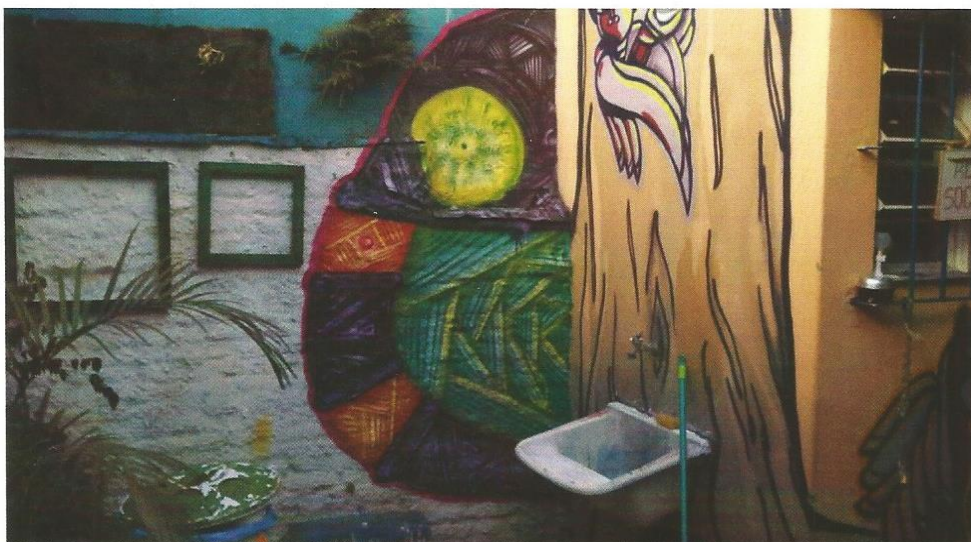


*“ED”, experiências, articulações,
conhecimento, iniciativas.
Projeto/sonho/real!*

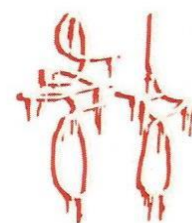
PROJETO LINK.



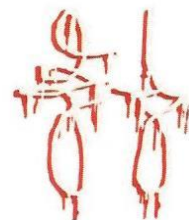
ESTUFA 27.



HIPER
SEBRI
ED.



Amigos, parceiros, irmãos
Rizomas entrelaçados,
Novamente Deleuze,
O coração pulsa, a alma pulsa,
Os olhos pulsam,
Arte na rua , alma na rua.
Tinta na rua, gritos na rua.
Surge Edpaulo, sorriso franco,
Olhar límpo,
Sonhos em crew.
Um novo olhar amazônico,
Olhar urbano, periférico,
Um olhar pro outro.
Inspiração, pulsar criativo.
Crônicas poéticas.



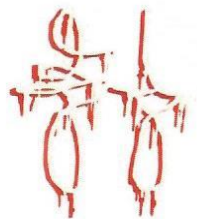
WALL
LINA
WALL!



WALL
LINA
WALL!



ESSE
#URBANO



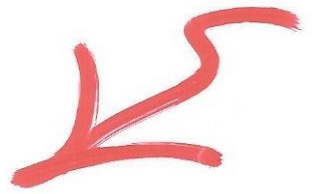
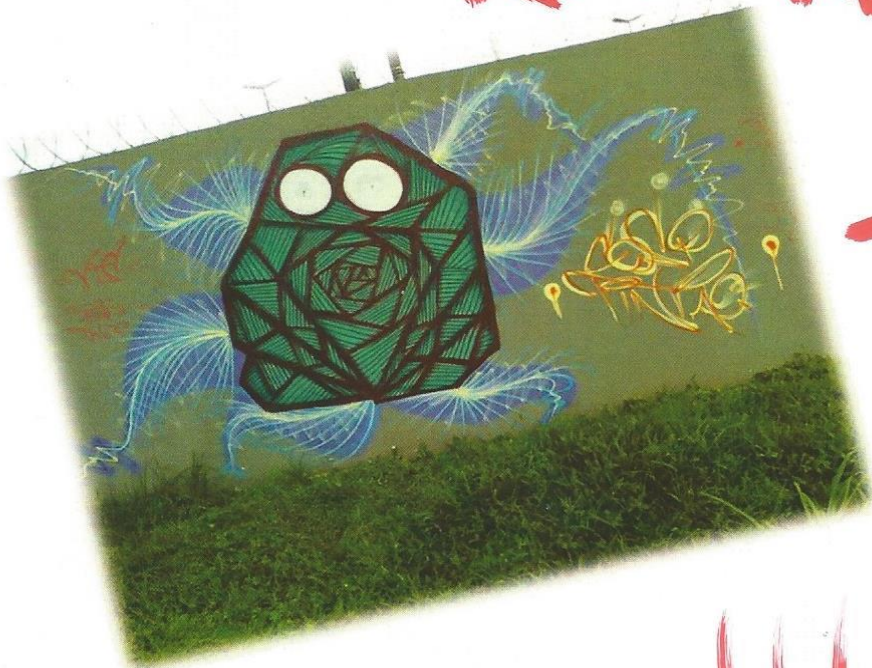
DAS AGUAS

PROFUNDAS



DOS
IGARAPÉS,

DOS MUROS



DO MUNDO!!!

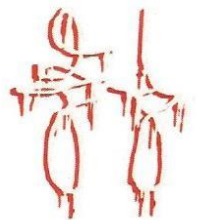
"CASA DO GRAFFITI"!

Espaço, cultura, rua.

2010, início, premiado, cultura Hip-Hop.



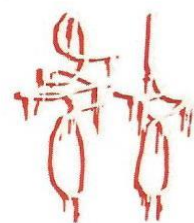
**NESSA
CASA
CHOVIA
ARTE.**



Eu sou amazônico, eu quero a minha identidade.
Não quero a grande metrópolis amazônica, quero a
simplicidade que fez o homem evoluir.



MIRAGUATIS !!!

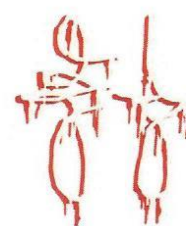


VIGIA DE VAZAREL - PAYS



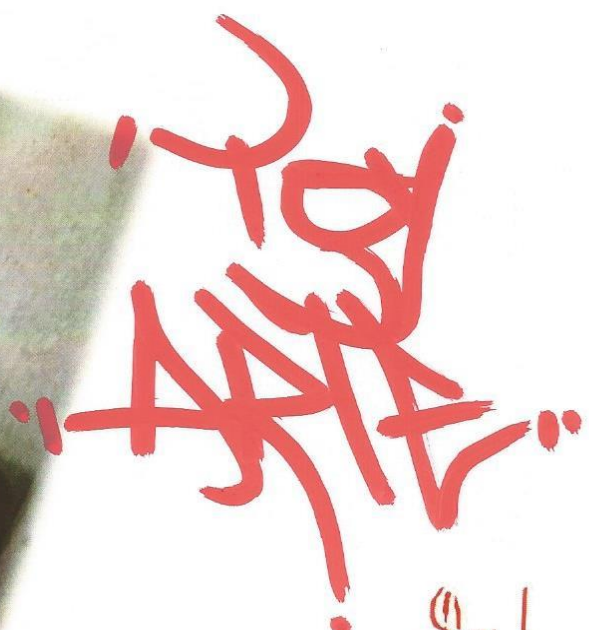
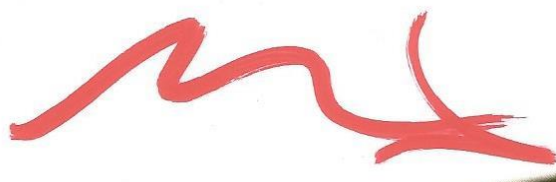
INTERVENÇÃO URBANA

Quero vomitar o que não me agrada, quero engolir somente o que me é importante.

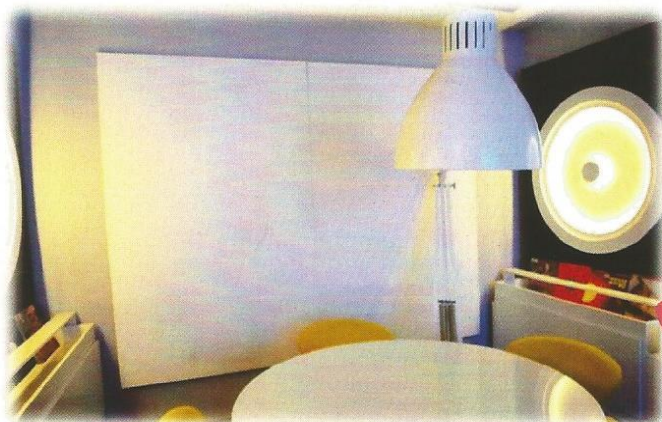


*Customização, novos suportes, telas, moveis, ambientes.
Toy art, cabaças.*

will



Dentro de mim existe um homem contemporâneo,
que utiliza a tecnologia a favor de minha arte.
Sou efeito luz.



WAVE
E
INSTA.

VINGEM
ESSE
PROJETO!



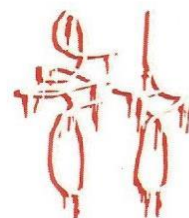
WAVE
E
INSTA.

Não uso só as paredes, tudo que for possível de ser suporte será sempre utilizado.

BRILHANÇA - PA.



BRILHANÇA
PA.

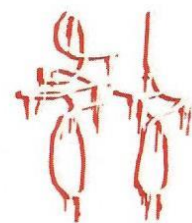


RLA MINHA
VIDA.

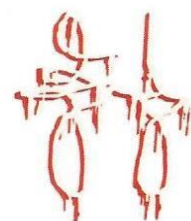
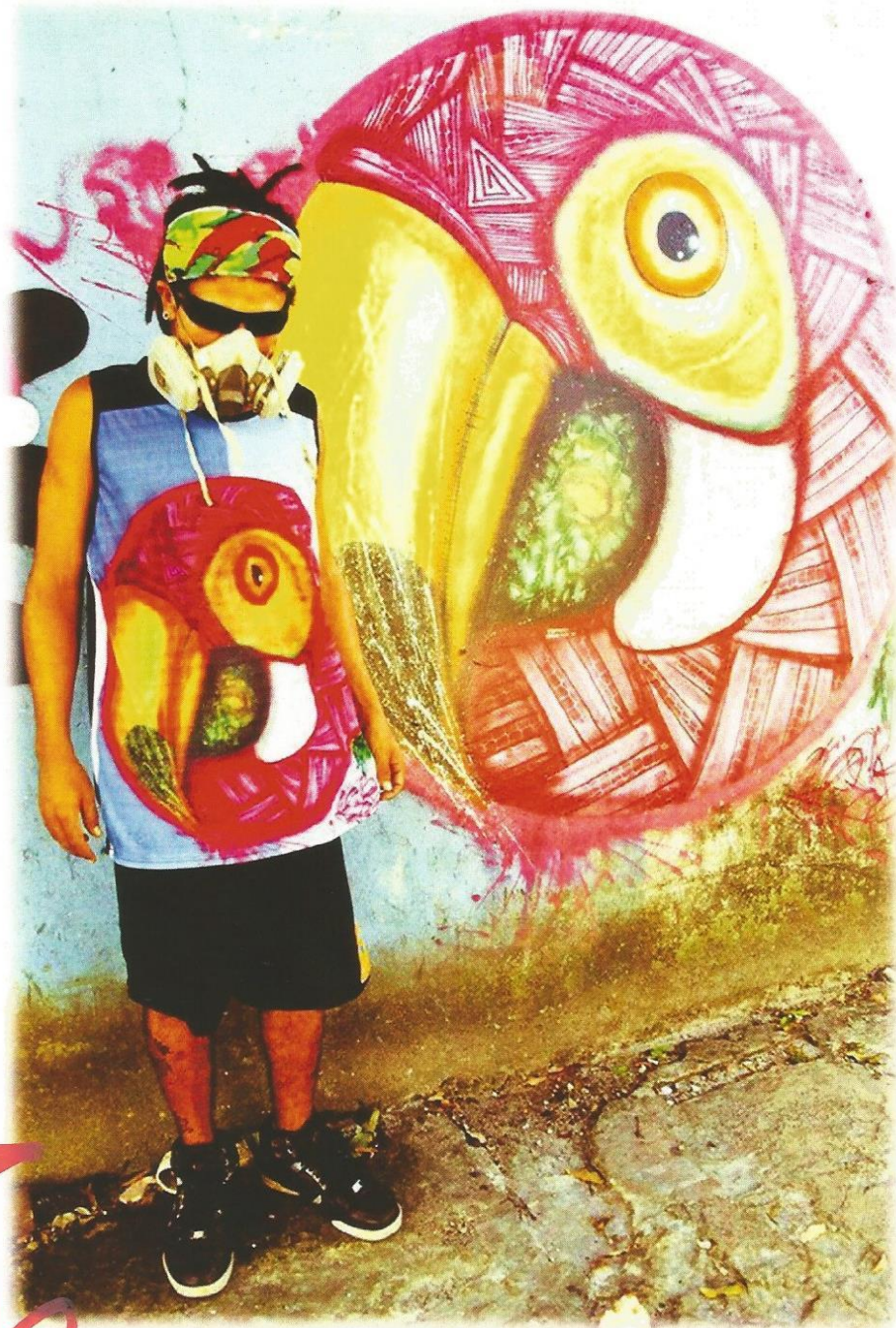
118



O hip hop me permitiu ter uma visão da sociedade em que vivo, do meu bairro, da minha vida. Trabalho diretamente com as escolas, em projetos do grafite. Procuro estudar, lê, me informar, não possuo formação acadêmica, mas possuo a curiosidade, a vontade de conhecer cada vez mais.



Como tenho dentro do grafite um traço mais regional, é no rapper que possuo uma pegada mais política e crítica.



Traços marajoaras, pinturas, corpos, índios.

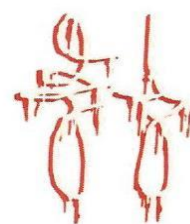
Eu, Edpaulo!

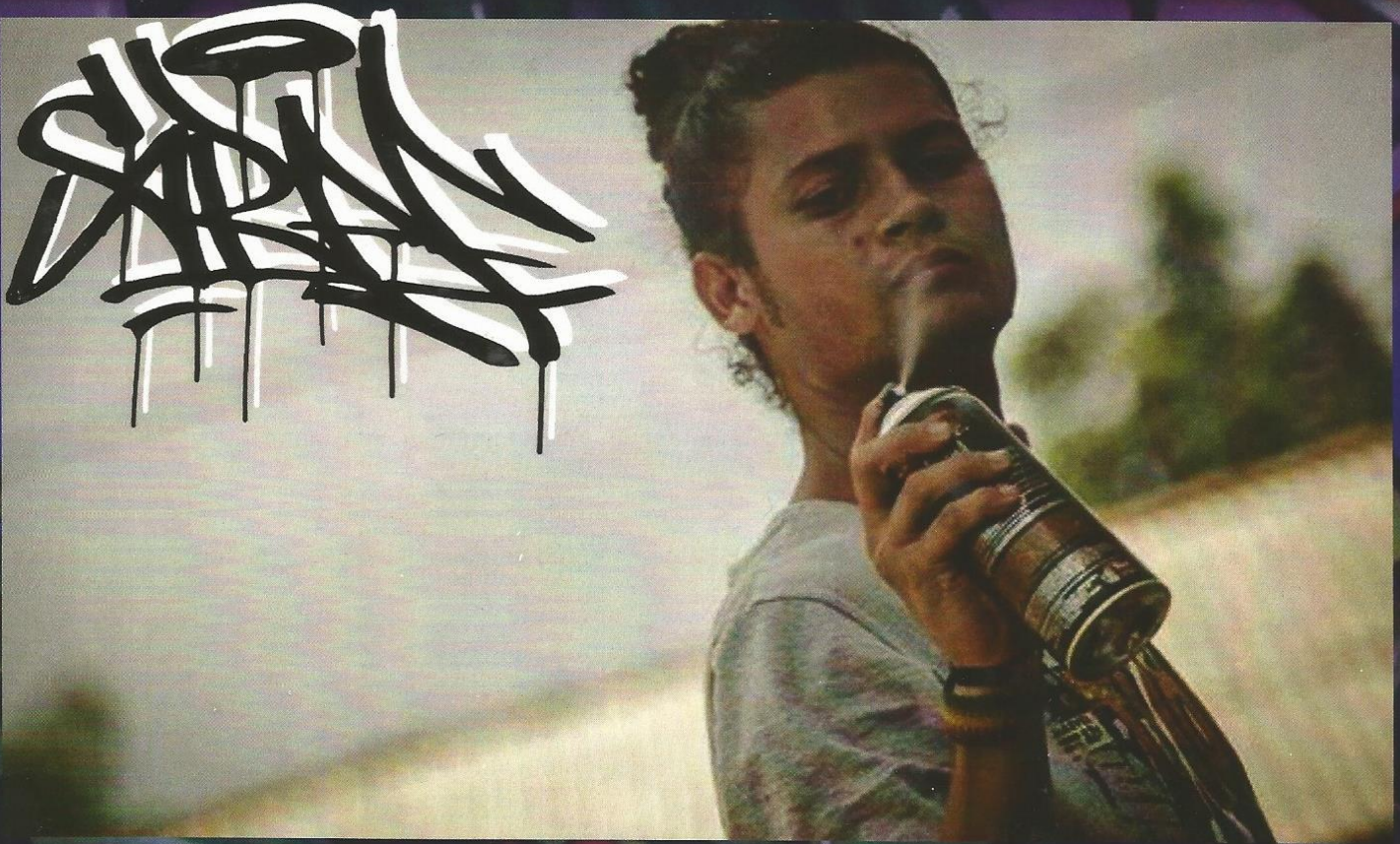


OIHA
DO
M H...
MEU
FILHO.

*Edpaulo*¹

¹ Todas as Imagens são do acervo de Edpaulo, cedidas para esta dissertação.

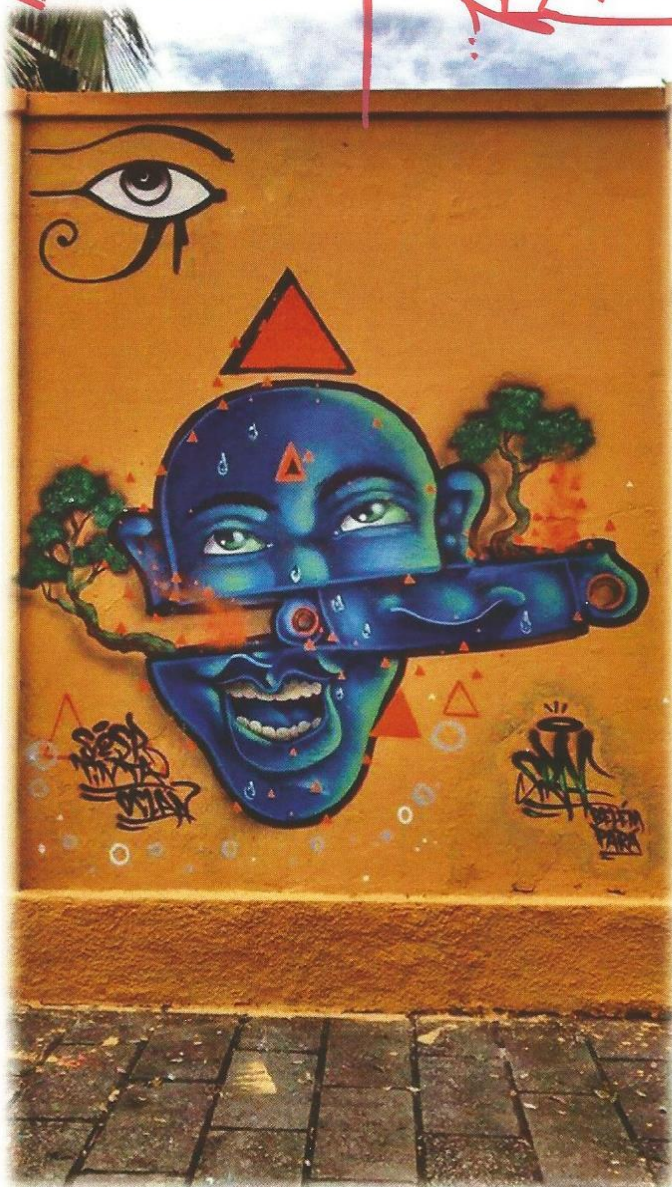




FÁBIO GRAF

Eu, Fábio, belemense, ser em conflito, ser apaixonado!
 Graf, adolescência, spray, pixação
 Carmenlândia, vivencia, crescimento, grafite, comunidade.

NO FILHO DO GRAF!



Eis Fábio, conhecido como Graf, sempre sonhador e apaixonado pelo grafite. Como todos os outros, sua vida neste trampo começa com o pixo, não porque era marginal, mas sim porque a necessidade do riscar era um processo natural.



O Pixo é uma outra linguagem da arte, não é inferior ao grafite é somente mais rebelde e com a adrenalina mais presente. Ele, o pixo, ainda me representa como forma de aceitar o revolucionário de minha alma, mas é no grafite que me aprofundo, me reconheço.

Desde criança já andava na rua olhando as pinturas e acabou me puxando, tipo um imã para este mundo e hoje grafitar já está no meu dna. Hoje em dia vivo do grafite, pois é meu trabalho, meu lazer, meu dia a dia. O grafite já me consumiu.

Chamo Fábio Graf de O Viajeiro, aquele que vai em busca de seus sonhos, de informações, de trocas intensas. Um dia lendo sobre o Manifesto Antropofágico lembrei de Fábio. O trecho era assim:

Contra a antropofagia caeté, pela antropofagia tupinambá. Os caetés nunca saíram de Pindorama. Os tupinambás viajaram muito. Por isso a antropofagia dos caetés é provinciana. A antropofagia dos tupinambás é cosmopolita.¹ (ANDRADE. 2001. p. 49)

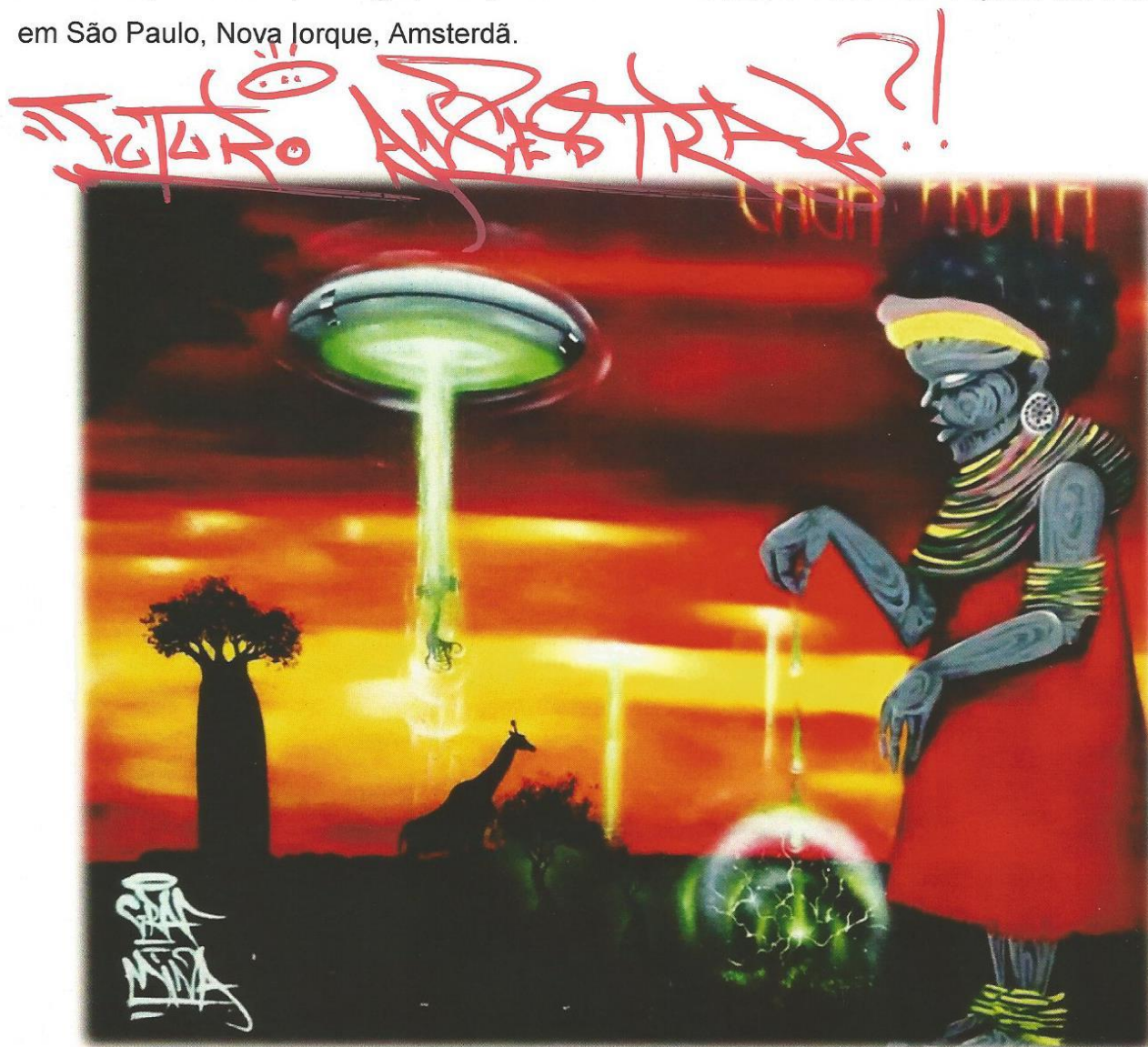
O autor expõe que os caetés proclamavam uma antropofagia periférica, nada que alterasse o rumo da história mundial, já os tupinambás possuíam uma fome avassaladora, que não recuava diante da própria cultura de seu povo. "Antropofagia autofágica, heterofágica, panfágica: antropofagia da grande taba do mundo Ecumênica." Para Andrade, os caetés eram filhos das tribos, comiam e só absorviam o que era importante para a tribo; já os tupinambás eram nativos que sabiam ser exilados, pois exilados tinham a noção de olhar, de jogar tudo de fora decidindo absorver ou expelir através de critérios externos e não tribais. Em uma frase Andrade resume todo este sentido entre estas duas nações. "Os caetés querem ter raízes, os tupinambás querem ter asas."

Fábio é antropófago tupinambá, está no seu sangue, na sua natureza. Um antropófago de conhecimentos culturais, de conhecimento sobre a arte do grafitar e suas mil possibilidades, alimentando seu espírito com trocas de experiências com outros grafiteiros,

¹ ANDRADE. Oswald de. *Manifesto Antropófago II*. Psicografado por Sergio Paulo Rouanet. Filósofo e diplomata.

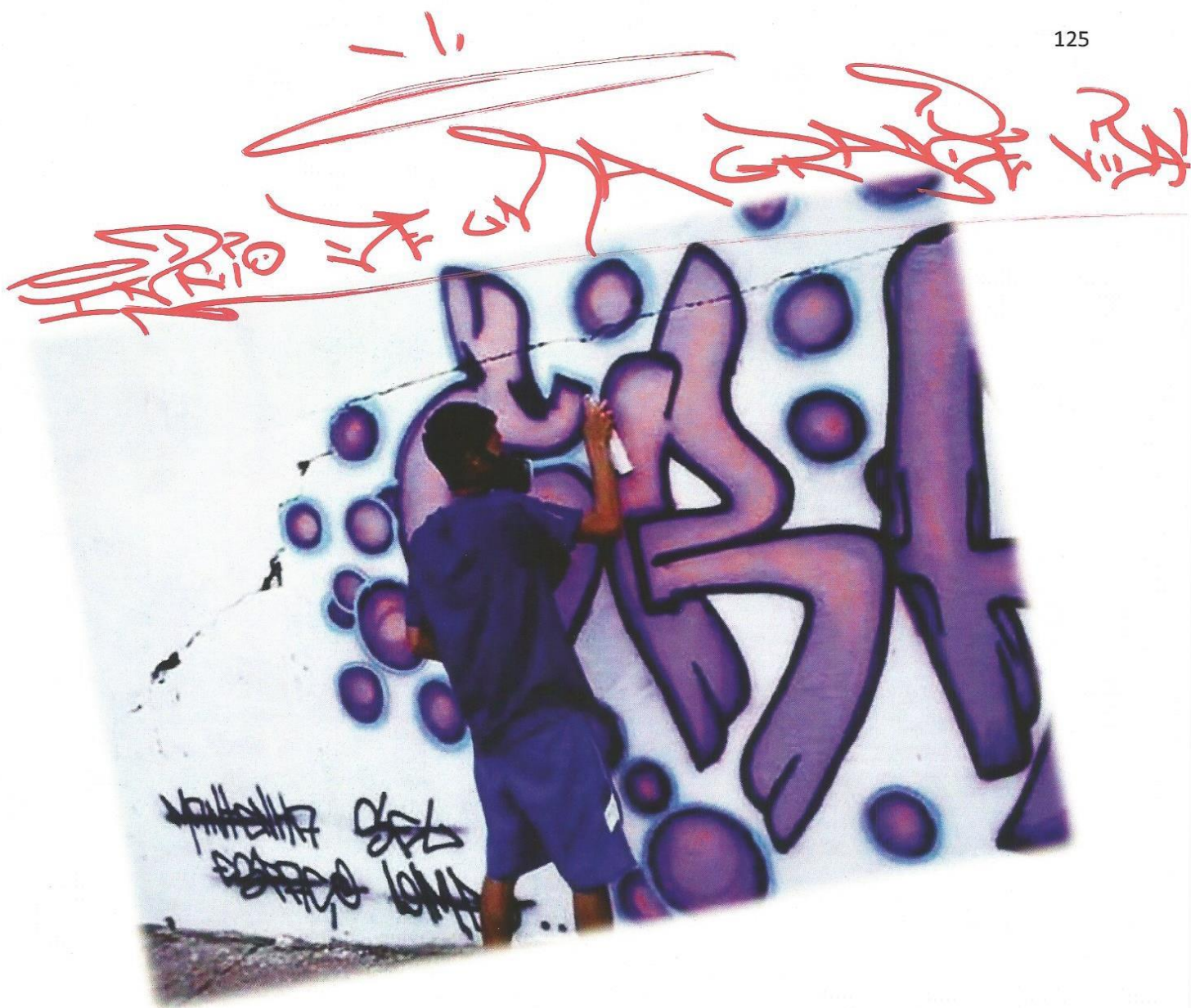


com livros e informações acadêmicas, com outras culturas, outras cidades. Suas asas estão sempre abertas para novos voos, seus tramos possuem as formas de entrelaçamentos das cores, de veias pulsantes. Não é somente tribal, mas cosmopolita. Pode estar aqui na Amazônia, em Belém, na Vigia, mas pode estar em Recife, em São Luiz e quem sabe um dia em São Paulo, Nova Iorque, Amsterdã.



Hoje em dia eu tenho uma relação muito melhor com os grafiteiros de fora, muito mais ampla, acho que isso é uma questão de maturidade artística.

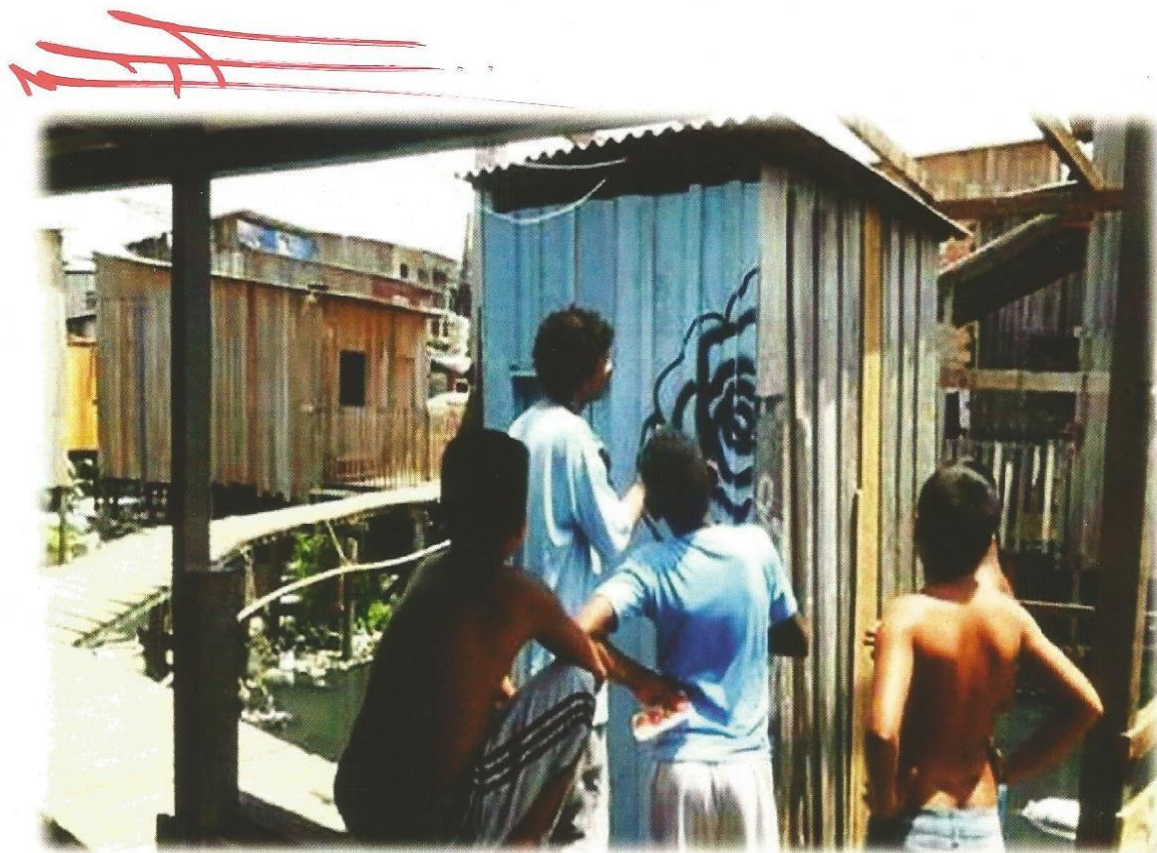




*Cosp Tinta, um caminho,
Expandir conhecimento,
escola, arte, ensinar.*



*Meus suportes, Palafitas, madeira,
lugares difíceis, acessos impossíveis;*





Crio em vários suportes, pois o grafite possui a possibilidade de ser realizado em qualquer lugar.



FÉ NA SAMPINHA!!!



Meu suporte é a rua, ela me alimenta com suas experiências.



Em nossas conversas Graf, pois é assim que é chamado, expos que não existe uma linguagem própria do grafiteiro amazônico, pois tudo depende do processo que o grafiteiro está passando no momento de criação, mas destaca que em suas andanças notou que o grafiteiro paraense vai para a rua em qualquer tempo, com sol, chuva, lua, seja como for, o importante é pintar. Que hoje na Amazônia já existem um grupo de grafiteiros com auto nível técnico e que não se prendem ao rótulo de ser amazônico, mas sim universalmente lírico, pois o grafite que vivem é o do momento de inspiração, sem perder a qualidade de sua obra.

Uma das coisas que nós grafiteiros do Norte temos diferentes do resto do Brasil é que não temos medo da chuva. Ela até alivia e dissolve a tinta de nosso sangue.



Handwritten graffiti in red ink at the top of the page, featuring stylized, overlapping letters and symbols.



As cores me alimentam

Handwritten graffiti in black ink at the bottom right of the page, featuring stylized, overlapping letters and symbols.

*Caminhos traçados, alma, cor,
sensibilidade, olhar, ver,
criticidade, posicionamento, surge Fábio Graf.*

Um pensador, um sonhador, um lutador.

Do pixo ao grafite.

*Com cachos de anjo, olhar na alma,
diz o que pensa, falar por si, mas age por todos.*

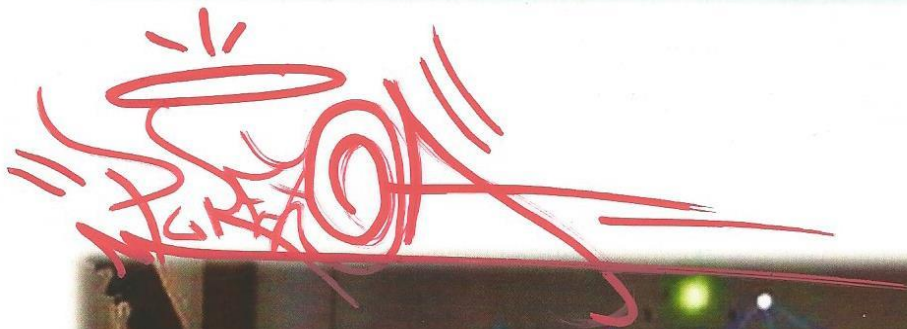
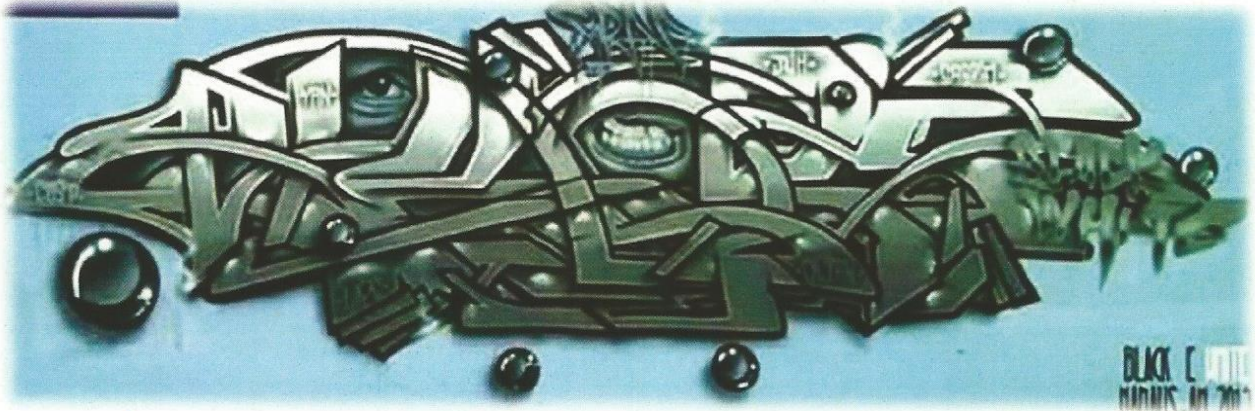
Um Cosp Tinta, um eu, um nós.

*Suas cores explodem, prazerosa, alegre,
rizomática,*

*Toca a alma, transpira e inspira,
cria crônicas-paredes-imagens,*







*Minhas escolhas, policromias, realismo,
cartoon, wildstyle*

Entrelaçados quase inteligíveis.

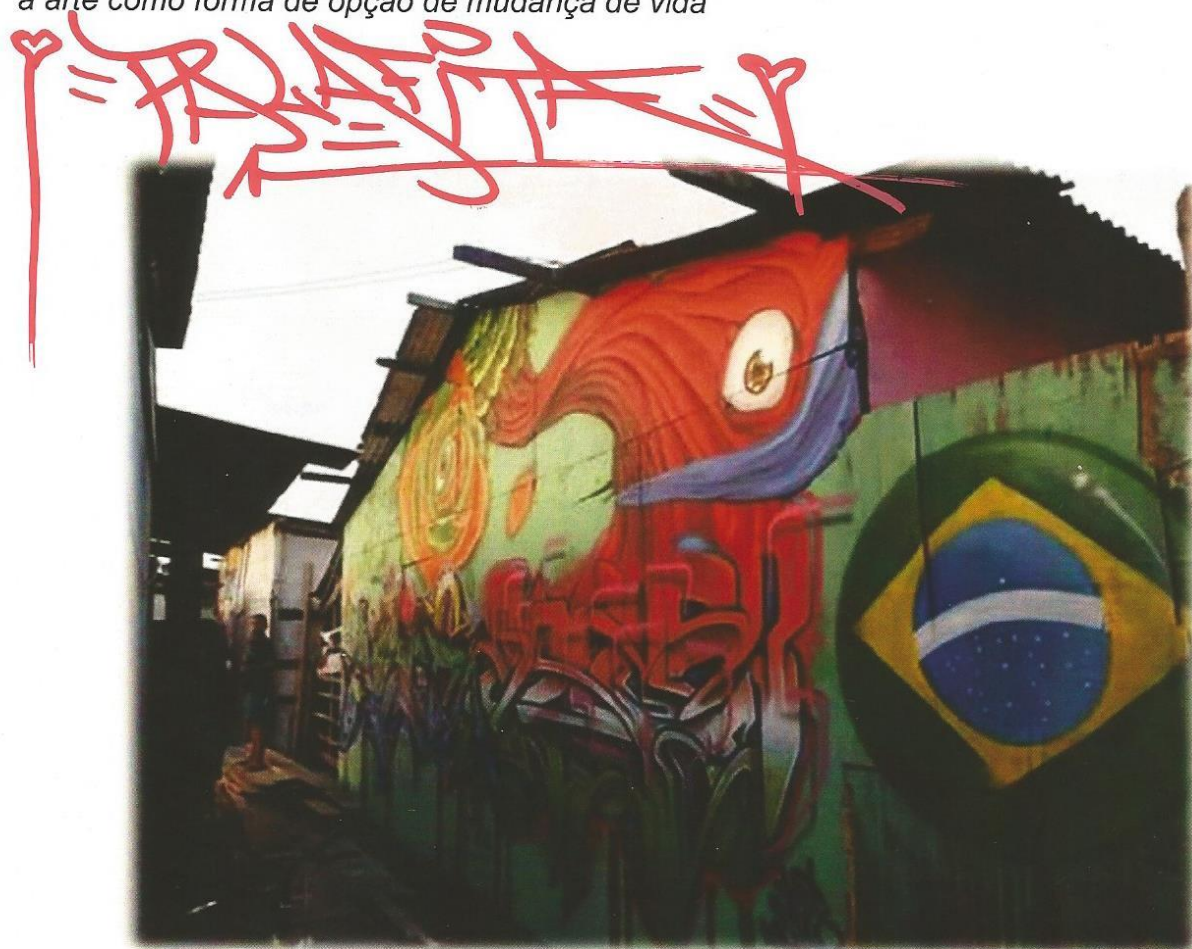
Corpo, desenho, animação, leveza,

Inocência, arte, rua.

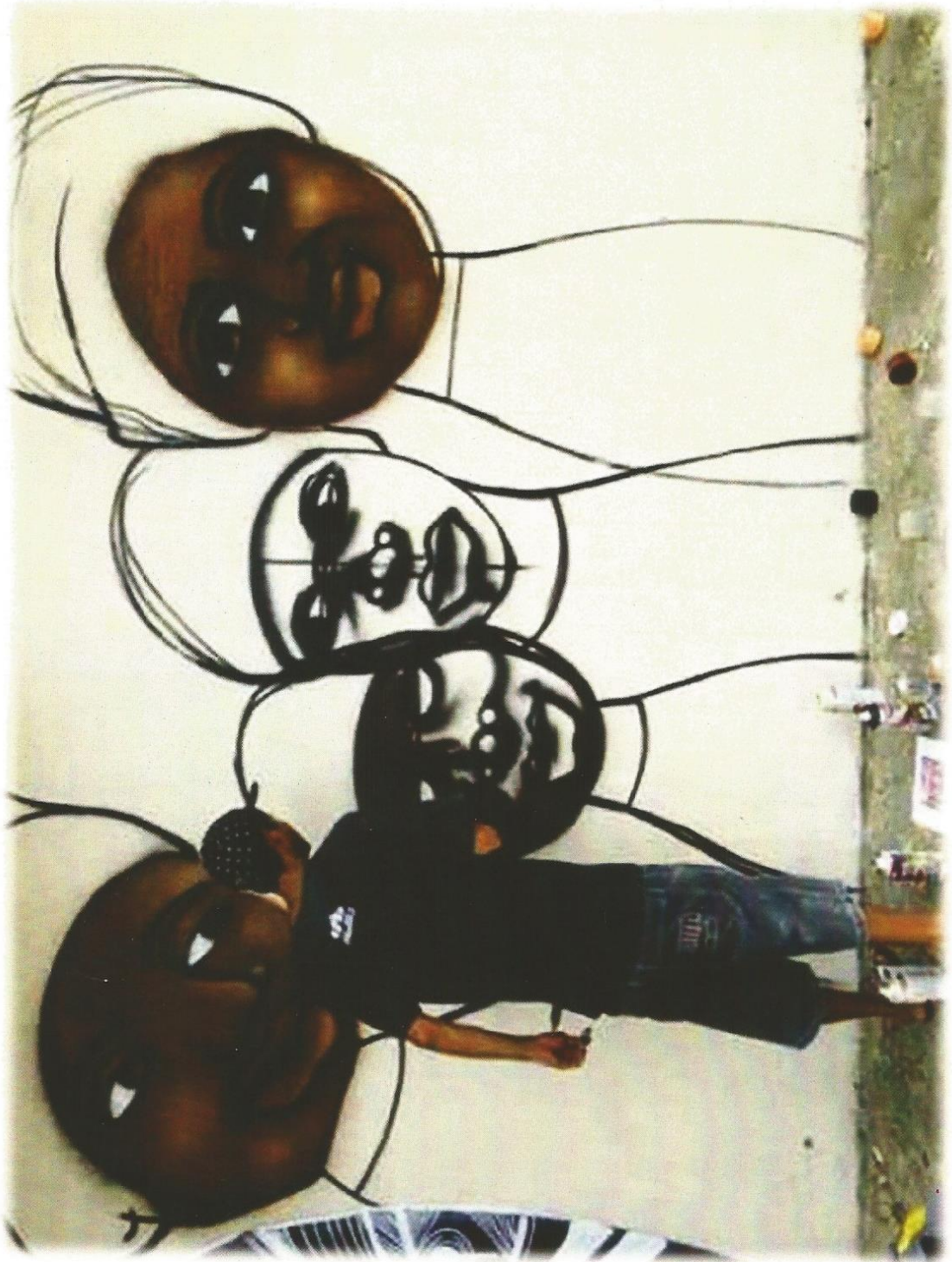
TRACITE



Graf é um artista consciente de seu papel na sociedade, pois para ele não é somente grafitando que poderemos interferir no crescimento de uma sociedade igualitária. Para ele, o grafite na rua nos faz pensar, questionar os problemas, mas é preciso ter outras ações. *Trabalho na área educacional fazendo parte de várias esferas dentro da arte educação nas comunidades da periferia. Também desenvolvo um trabalho ligando o grafite com a cultura afro, pois moro em uma casa de cultura, a Casa Preta. Este trabalho acho de fundamental importância pois fui morador de palafitas, vivi nas comunidades carentes por isso procuro sempre está presente interferindo nessas comunidades. Ajudar essa juventude que anda tão carente com falta de políticas públicas, dar auxílio as comunidades das periferias, procurando está dentro das escolas debatendo o nosso cotidiano, trocando ideias e mostrando diversas possibilidades. Demonstrando uma nova perspectiva e fazendo com que os jovens se perguntem o que eles querem da vida. Mostro minha vida e o que ela se transformou, procurando mostra possibilidades entre as crianças, adultos e adolescentes, com acesso para a arte como forma de opção de mudança de vida*



*Mutirão, Soul, Hip Hop. Casa Preta.
cultura, ancestral, afro.*



THE F IMAGINE?

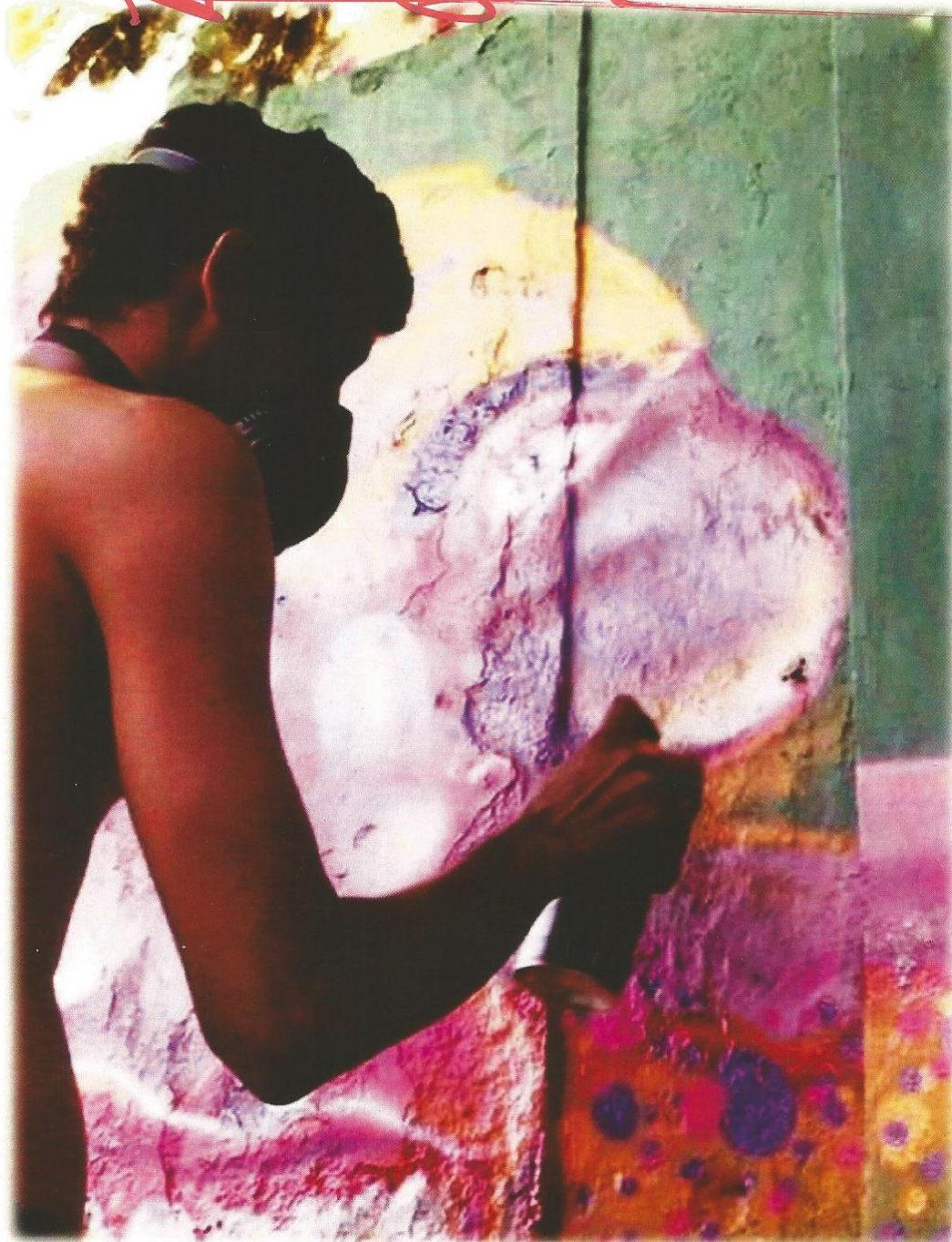


Handwritten signature or mark.

Viajar, intercambio, encuentros
Pernambuco, Maranhão, Bahia, Brasília.



O grafite me permitiu estudar mais, conhecer mais e ter uma visão ampla do mundo. Se existe uma palavra que me representa ela significa grafite, eu sou o Graf.





Não planejo nada a longo prazo, vivo cada momento. Hoje eu vivo em um espaço onde existe uma troca, procuramos estar sempre pesquisando coisas novas e trocando com a comunidade.

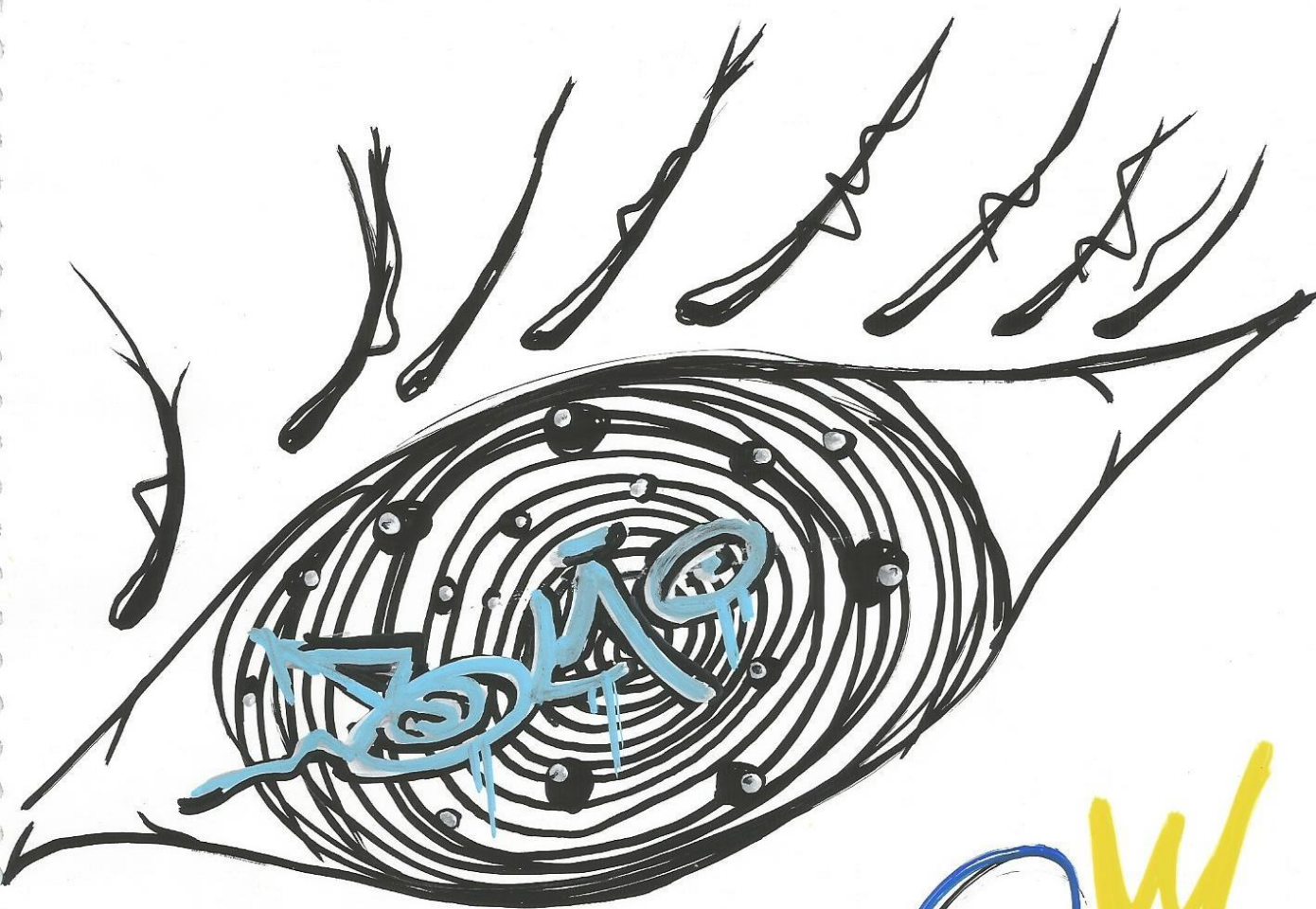


Contemporaneamente antropofágico,

Eu Fábio,

Eu Graf!





Olhando pro mundo, enxerguei o muro!

Espraiar, alastrar. Estender, espalhar, dilatar
 Alonga a vista, os olhos.
 Invadir os territórios marginais.
 Andar pela cidade.
 Ver com outro olhar.
 Símbolos, signos, imagens.
 Grafites nas paredes, muros, avenidas.
 Espraiar, sprayar, spray ar.
 Spray no ar, nas ruas, nas calçadas, nos sapatos de quem cria.
 Pulmão de uma cidade/suporte
 Vital, expressão, gritos/imagens.
 Spray-ar, espraiair, andar, viver

Carmen Bragança

Olhando pro mundo abri meus olhos e vi muito mais. Alonguei a vista e invadi os territórios marginais, sem o preconceito das limitações, dos medos das mudanças, das descobertas. Queria realmente conhecer um mundo novo, fora dos livros e mais perto da realidade. Eis como chego neste momento do trajeto de meu mestrado, não como um processo finalizado, mas como um caminhar experimentado e que me levaram para outras trajetórias. As pretensões de início das trilhas escolhidas, foram sendo construídas juntos com as descobertas. Cada passo dado um novo universo, cada grafiteiro um novo amigo ampliador de mundos. Posso dizer que descobri nas relações rizomáticas destes quatro manus o fluxo de trocas que tanto ansiava. Verifiquei que, mesmo longe da academia, meus quatro amigos buscavam um conhecimento sobre o mundo da arte e isto acabou permitindo uma troca de informações, pois como professora de artes pude auxiliar com as informações teóricas e eles em troca, me mostraram a prática das ruas, a realidade do grafiteiro, do criador dos embates da arte feita na pele/muro das cidades. Foram dois anos de convivências e descobertas. Conhecer cada um e verificar que eles criam relações antropofágicas com a urbe e ao mesmo tempo invadem profundamente as entranhas de cada canto desta cidade suporte e deixam suas marcas, suas crônicas visuais, seus trampos marcados pelos tags que a cidade já reconhece.

Meu objetivo sempre foi demonstrar quem eram aquelas pessoas que deixavam suas assinaturas, seus traços e desenhos pela cidade, sem a pretensão de decifra-los; sem fazer análises sobre o significado de cada trampo . Aqui a voz que

exponho é do artista grafiteiro, as imagens são deles e foram escolhidas por eles. Queria demonstrar perante a academia e através desta, que estes jovens possuem identidade, eles são indivíduos pulsantes e muitas vezes fontes de inspiração e admiração para os que possuem o dom ou o sonho de expor na galeria/rua suas ideias e traçados. Como diz Nil César¹ *“a arte parece colocar as pessoas numa postura de autoconhecimento ao oferecer justamente a possibilidade de interlocução, de trocas”*.

Dessa forma, como professora de artes em Escola de Educação Básica e Ensino Médio, tanto em Escolas públicas, quanto nos particulares, e conhecedora das necessidades que meus alunos possuem de encontrar modelos que mostrem os caminhos que possam percorrer, foi uma grata e feliz descoberta este quatro mãos, pois me fez acreditar que a arte é sim criadora de possibilidades de um mundo melhor. George/Sr. Cosp – O agregador, possui a facilidade de aglutinar os amigos em um só objetivo; Marcelo Bokão – O Estelar, demonstra em seus tramos as mil dimensões e possibilidades de transformar o que nada existe, em um mundo melhor; Edpaulo - O batalhante, corre atrás do que acredita, de um mundo em que o grafite faça a diferença para uma sociedade mais justa e Fábio Graf – O viajero, leva e elava o universo do grafite para todos os lugares que puder, utilizando seu conhecimento para melhorar a vida das comunidades periféricas.

Com eles, descobri que o conhecimento sobre o mundo da arte auxilia no crescimento de ser artista/grafiteiro, mas se este não possui a vontade de ampliar suas técnicas ficará limitado somente ao muro pelo muro. Mas é necessário fortalecer a base das crews que se espalham pela cidade, e para tanto a academia e suas pesquisas são fontes fundamentais de apoio. Por todos esses aspectos somos levados a acreditar que este trabalho, de caráter acadêmico, não poderia ficar limitado à universidade em um âmbito recolhido. Ele foi realizado com o intuito de nos colocar em uma postura de autor-reconhecedor abrindo a possibilidade de que os grafiteiros se identificassem e se aproximassem cada vez mais com a academia em trocas constantes, pois como expõe Avelar:

“A arte cumpre a função, de maneira muito natural, de expandir o universo dos sujeitos envolvidos, ao possibilitar que as pessoas reflitam sobre a sua realidade (...) A sutileza da arte, expressa nos questionamentos que uma obra pode levantar, abre perspectivas e lança provocações. (...) quando o conhecimento é aplicado ao cotidiano, seja pela via da arte, seja pelo caminho das ciências, ele é transformador. A questão é dar vida ao saber teórico, buscando conectá-lo à experiências

¹ Nil César. Educador social, ator, diretor e dramaturgo. Fundador e coordenador geral do Grupo Beco

práticas. (...) o papel do mediador, do artista e pesquisador é criar pontes que ligam estes dois mundos”²

É com este intuito de ligação dos universos acadêmicos e artístico que a dissertação foi realizada, em uma linguagem acessível, prática e facilmente decifrável, para que aqueles que precisem conhecer alguns grafiteiros em Belém possam utilizá-la em suas aulas, permitindo com que seus alunos percebam que estes artistas grafiteiros hoje, possam ser eles amanhã. Só nos resta esperar que nosso desejo de engrandecer o universo do grafite tenha sido alcançado através da exposição de vida e obra destes quatro manus do Cosp Tinta Crew.

² Romulo Avelar. Graduado em Administração, Gestor cultural. Assessor de planejamento do Grupo Galpão e do Grupo Beco. P. 89-90

Crônicas sprayadas: grafiteiros, muros /vidas

Vidas entrelaçadas, todos em um só.
 Deleuzeanamente falando, as possibilidades de
 avenidas, emaranhados em uma linguagem única.
 Rizoma que se conectam em multiplicidades
 heterogêneas.

E neste caminho, lembro músicas, como ritornelos,
 que em refrãos repetidos nos transportam,
 lugares entre o "eu" e "o que está fora de mim".
 Faço crônicas, partilho experiências, arte, cultura
 em um mundo caótico, em crise, pura transição.
 Assim sprayando, assim caminhando,
 vou trilhando linhas que se cruzam.

Sou também rizoma, me derramo, me espalho.
 Sugo-te, alimentas meus olhos,
 alimentas minha alma em trocas constantes.
 Pretensão, conhecer, pesquisar, identificar e ser
 identificada. Ir além, andar na cidade, percorrer o
 mundo, registrar, levar comigo experiências
 entrelaçadas que se fazem e desfazem em atos
 contínuos.

Um spray estético, criativo, lúdico.
 Escrever e descrever as visualizações,
 experimentações, narrar o vivido.

A imaginação solta, a vida pulsando, dentro da
 cidade, minha cidade, seus grafos.
 Tudo rizomas, vivencias múltiplas.
 Crônicas-visuais no corpo-cidade,
 companheira complexa das crônicas-poéticas,
 registros gráficos, palavras ditas, soltas,
 provadas, degustadas no sangue-tinta,
 no odor do spray.

Sua Fugacidade no ar, no muro, no papel.

Tudo passa, amanhã um outro dia, um novo
experimento, uma nova arte, uma nova palavra.

Crônos, deus, tempo, efemeridade.

Geras crônicas em mim, cunho crônicas em ti.
Spray-ar juntos, cidade-suporte, pixos, grafites.

A CIDADE QUE NOS SUPORTE!

Carmen Bragança



Trampo do Cosp Tinta Crew³

³ Imagem autorizada, retirada do acervo do grupo Cosp tinta.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Oswald de. Originalmente publicado em *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1, maio de 1928
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo. EDUSP/ Itatiaia, 1979
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo. Companhia das Letras. 1986.
- CALVINO. Italo; *As cidades invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990
- CASCARDO, Ana Beatriz Soares. *Grafite contemporâneo: da espontaneidade urbana à sua cooptação pelo mundo da arte*. Revista Musear; Ano 1, nº 1 06/2012 .
- COELHO, Valéria Soares. *Regurgitofagia: performance da palavra inquieta*. Caderno CESPUC, Belo Horizonte. 2011.
[.periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/2436](http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/2436)
- COSTA, Luizan Pinheiro da. *Pixação: arte contemporânea*. 2008. p. 225 Tese (Doutorado em História e Crítica de Arte) Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ) Rio de Janeiro. 2008
- _____. *Grafite e Pixação: institucionalização e transgressão na Cena contemporânea - III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP /2007*.
- DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1, 2 São Paulo. Ed. 34. 2011
- GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. Ed. Autentica, Belo Horizonte, 2003.
- GEERTZ Clifford . *O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis. Ed. Vozes. 2000
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos e Científico Editora S.A. 1989; p.20
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: ed. Brasiliense (Coleção:Primeiros Passos), 1999.
- GROSTEIN, Marta Dora. *Metrópole E Expansão Urbana: a persistência de processos "insustentáveis"* São Paulo Perspectiva. vol.15 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2001

GUIMARÃES Ieda. *Aqui só se desenha quando tem evento? Um mote para descaminhos pedagógicos, metodológicos e investigativos em artes visuais.* Educação e Linguagem. V. 22. p. 1-22. 2010

HERNANDEZ.. Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional.* Porto Alegre. Mediação. 2007

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena.* Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2000.

_____. *Abalando os anos 90.* Rio de Janeiro: ed. Rocco, 2000.

HISSA. Cássio E. Viana. (Organizador) *Conversações: de artes e de ciências.* Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2011

IANNI, Octávio. *A era do globalismo.* Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1997..

JEUDY, H. Pierre - *Espelho das Cidades*, ed Casa da Palavra, RJ, 2005

Jung, C.G. (2008a) *Tipos Psicológicos.* Petrópolis, Vozes.

_____. (2008b). *O Eu e o Inconsciente.* Petrópolis, Vozes

_____. (2008d). *Arquétipos do Inconsciente Coletivo.* Petrópolis, Vozes.

KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação.* São Paulo. Expressão Popular. 2009

MARTINS. Miriam Celeste (b) *Imagens, palavras e rigor científico: inquietudes de uma professora/orientadora/pesquisadora.* Anais da 23ª.ANPAP. Belém. 2013. p. 3322 a 3337.

MEIRA FILHO, Augusto. *Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará.* Belém. Grafisa, 1976. 2 v

MELAMED Michel, *Antropofagia hoje.* São Paulo Ed. Realizações 2011. p.70

MONTEIRO. Ângelo. *Arte ou desastre.* São Paulo. Ed. Realizações. 2011

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite pichação & cia.* São Paulo: ed. ANNABLUME, 1994.

_____. *Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte ;* <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf>

ROCHA, João Cezar de Castro. RUFFINELLI, Jorge.(Org.) *Antropofagia Hoje? : Oswald de Andrade em cena.* São Paulo. É Realizações. 2011

SARGES. Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzidas a Belle Époque (1870 – 1912)* Belém . Ed. Paka-tatu. 2010

SARQUIS, Giovanni Blanco. *Arquitetura moderna e contemporânea em Belém: diálogo entre tempos* 9º seminário do comomomo brasil interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília . junho de 2011

SILVA, Tânia Dauster Magalhães E GONÇALVES, Anderson Xavier Tibau. *A Pedagogia do Spray. O que faz o grafiteiro, grafiteiro*. Coleção Grupos Juvenis. Ed. PUC/RJ . Rio de janeiro. 2006

SOUZA, David da Costa Aguiar de. *Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento*. 2007. Dissertação (mestrado em Sociologia e Antropologia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2007

GLOSSÁRIO

- Bonecos que adornam ou compõem os graffitis. O mesmo que caracters - **Bebs**
- Dar bites, imitar o estilo gráfico de outro writer - **Bite**.
- Graffiter que pratica bombing.- **Bomber**
- Graffitis que se realizam rapidamente, pouco adornados e com letras pouco elaboradas - **Bombing**.
- Cápsulas que se colocam na saída das latas de spray. Existem caps específicos para cada tipo de traço pretendido - **Caps**
- O mesmo que bebs - **Caracters** .
- Conjunto de graffiters que usualmente pintam juntos, existindo nos seus trabalhos uma assinatura ou sigla que identifica esse coletivo - **Crew**
- Pintar algo (traço, tag ou desenho) sobre um trabalho alheio - **Cross-out (ou Cross)**
- Local ou parede cheio de bombing - **Detonado**.
- Preenchimento (simples ou elaborado) do interior das letras de um throw-up ou piece - **Fill-in**
- Abreviatura de graffiti. - **Graff**
- O mesmo que writing. Componente visual (plástica) da cultura hip-hop. **Graffiti**
- Cultura urbana composta pelo graffiti, musica rap e break dance - **Hip-hop**
- Parede ou zona repleta de graffitis; zona de grande risco para os writers fazerem o seu trabalho - **Hot**
- Graffiter experiente, com muitos skills e grande número de trabalhos realizados. O contrário de toy - **King**
- Contorno das letras desenhadas - **Outline**
- Graffiti a cores, bastante elaborado. Normalmente constituído por fundos trabalhados, letras estilizadas e adornadas com caracteres - **Piece**
- Parabéns ou felicitações inscritas, dedicadas a Graffiters ou crews, por amizade ou porque a qualidade do trabalho o merece - **Props**.

Cobrir uma parede ou uma zona com trabalhos de pouca qualidade - **Queimar Spots**

Conjunto de técnicas dominadas por um Graffiter - **Skills**

Assinatura do Graffiter - **Tag**

Escrever o tag com letras desenhadas com uma só linha de tinta - **Tagar**

Graffiter inexperiente. O contrário de king - **Toy**

Actividade do Graffiter quando este se limita a tagar paredes - **Throw-up**

Muro de grandes dimensões pintado com uma sequência longa de pieces - **Wall of Fame**

Graffiti caracterizado por uma forte estilização das letras, tornando-o praticamente ilegível. **Wild Style**

O mesmo que Graffiter - **Writer**

O mesmo que graffiti - **Writing**